



**Gorete Maria Pereira
dos Santos**

**Impacto da Ética e dos Comportamentos Monetários
na Satisfação com a Vida: Idosos sós**



**Gorete Maria Pereira
dos Santos**

**Impacto da Ética e dos Comportamentos Monetários
na Satisfação com a Vida: Idosos só**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gerontologia, na área de especialização Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Liliana Sousa, Professora Auxiliar com Agregação da Secção Autónoma de Ciências da Saúde da Universidade de Aveiro.

Júri

Presidente

Professora Doutora Liliana Xavier Marques de Sousa

Professora Auxiliar com Agregação da Secção Autónoma de Ciências da Saúde da Universidade de Aveiro

Professor Doutor António Manuel Godinho da Fonseca

Professor Auxiliar da Universidade Católica

Professora Doutora Daniela Maria Piais de Figueiredo

Assistente do 1º Triénio da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

Os meus agradecimentos são dirigidos a todas as pessoas que tornaram possível a realização desta tese.

À Professora Doutora Liliana Sousa, orientadora da tese, agradeço a paciência e dedicação disponibilizada. Acima de tudo, pelo seu espírito crítico que contribuiu significativamente para o desenvolvimento desta dissertação e especialmente pela partilha do saber.

Ao meu grupo de trabalho, pelo apoio e partilha que dispuseram.

Um especial agradecimento a todos os meus amigos que me apoiaram nos momentos difíceis, especialmente ao João Paulo.

O meu sentimento de gratidão, a todos que preencheram os questionários, pois sem a sua colaboração este trabalho não seria possível.

E por fim, mas não menos importante aos meus pais (Fernanda e José), aos meus avós (Alice e Celso) e ao Filipe, pelo estímulo constante e pelo apoio incondicional que sempre me deram.

Palavras-chave

Envelhecimento, Satisfação com a Vida, Ética Monetária, Comportamentos Monetários, Significado do dinheiro, Atitudes, Dinheiro

Resumo

Objectivos: O envelhecimento é um dos principais desafios nas sociedades actuais. A satisfação com a vida é um desejo em qualquer fase da vida, incluindo a velhice, sendo influenciada por diversas variáveis sociais e psicológicas. Neste estudo procuramos compreender como a ética e os comportamentos monetários influenciam (ou não) a satisfação com a vida em homens e mulheres idosas (mais de 64 anos) que vivem em agregados unipessoais.

Metodologia: Foi aplicado um questionário por entrevista que compreende: i) dados sociais e demográficos; ii) indicadores de isolamento e depressão; iii) escala de satisfação com a vida (Diener, 1985; versão Portuguesa de Simões, 1992); iv) escala de comportamentos monetários (Furnham, 1984; versão Portuguesa de Patrão & Sousa, 2007); v) escala de ética monetária (Tang, 1992; versão Portuguesa de Patrão & Sousa, 2007). A amostra compreende 32 pessoas idosas, 16 homens e 16 mulheres que vivem sós, de classe média.

Resultados: Os resultados sugerem que: i) a satisfação com a vida não é influenciada pela ética e comportamentos monetários; ii) os idosos encontram-se moderadamente satisfeitos com a vida; iii) a ética monetária é influenciada pelos comportamentos ansiosos em relação ao dinheiro; iiiii) as atitudes e comportamentos monetários não são influenciados pelas variáveis sócio - demográficas, local de residência ou factores de isolamento.

Implicações: Estes resultados têm implicações a nível da compreensão da satisfação com a vida, pois sugerem factores que influenciam a satisfação com a vida. Além disso, este estudo pode contribuir para clarificar o papel dos bens pessoais na construção da integridade e preservação da identidade da pessoa idosa.

keywords

Ageing, Satisfaction with Life, Monetary Ethics, Monetary behaviour, Meaning of Money, Attitudes, Money

Abstract

Objectives: Ageing is one of the main challenges of societies. Satisfaction with life is a desire in any stage of life, including old age. It is influenced by diverse social and psychological variables. In this study, we aim to understand how ethics and monetary behaviour do (or not) influence satisfaction with life in elderly men and women (over 64) who live alone.

Methodology: Data were collected based on a questionnaire carried out by interview, which includes: i) social and demographic data, ii) isolation and depression indicators; iii) Satisfaction with Life Scale (Diener, 1985; Portuguese version Simões, 1992), iv) Monetary Behaviour Scale (Furnham, 1984; Portuguese version Patrão & Sousa, 2007); v) Monetary Ethics Scale (Tang, 1992; Portuguese version Patrão & Sousa, 2007). The sample comprises 32 elderly people, 16 men and 16 women, who live alone and are of the middle class.

Results: The results suggest that: i) satisfaction with life is not influenced by monetary ethics and behavior; ii) the elderly are moderately satisfied with life; iii) the monetary ethical is influenced by anxious behavior regarding money; iv) monetary attitudes and behaviours are not influenced by socio-demographic variables, place of residence or isolation factors.

Implications: These results have implications on the in level of understanding satisfaction with life. They suggest factors that influence satisfaction with life. Moreover, this study can clarify the role of personal goods in the construction of integrity and preservation of the identity of the elderly person.

ÍNDICE

ÍNDICE DE QUADROS	7
INTRODUÇÃO	8
1. O CONTEXTO DO ENVELHECIMENTO DE HOMENS E MULHERES QUE VIVEM SÓS	9
1.1. GÉNERO E ENVELHECIMENTO	9
1.2. O ENVELHECIMENTO E CLASSE MÉDIA	11
2. SATISFAÇÃO COM A VIDA	12
1.3. FACTORES QUE INFLUENCIAM A SATISFAÇÃO COM A VIDA	13
3. ÉTICA E COMPORTAMENTOS MONETÁRIOS	18
3.1. ÉTICA E COMPORTAMENTOS MONETÁRIOS E A SATISFAÇÃO COM A VIDA	22
4. OBJECTIVOS E PERTINÊNCIA DO ESTUDO	24
5. METODOLOGIA	26
5.1 INSTRUMENTOS	26
5.2. AMOSTRA	29
5.3. PROCEDIMENTOS DA RECOLHA DE DADOS	30
5.4. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	30
5.5. MÉTODO DE ANÁLISE DE DADOS	31
6. QUALIDADES PSICOMÉTRICAS DAS ESCALAS	32
7. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	37
8. DISCUSSÃO	49
9. CONCLUSÃO	55
BIBLIOGRAFIA	56
ANEXOS	
ANEXO 1 - Questionário Prévio	
ANEXO 2 - Questionário	

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização da Amostra	31
Quadro 2 – ACP- Factores, Valores Próprios e Variância – Escala de Ética monetária	32
Quadro 3 – Contribuições das Variâncias para cada factor – Escala de Ética monetária	33
Quadro 4 – Diferença entre a Escala Original e Escala de estudo – Escala de Ética monetária	34
Quadro 5 – Consistência Interna (COEFICIENTE DE CRONBACH α) – Escala de Ética monetária	34
Quadro 6 – ACP- Factores, Valores Próprios e Variância – Escala Comportamentos Monetários	35
Quadro 7 – Contribuições das Variâncias para cada factor Escala - Comportamentos Monetários	35
Quadro 8 – Diferença entre a Escala Original e Escala de estudo Escala - Comportamentos Monetários	36
Quadro 9 – Consistência Interna (COEFICIENTE DE CRONBACH α) - Escala Comportamentos Monetários	36
Quadro 10 – Satisfação com a Vida, Ética Monetária e Comportamentos Monetários: (Homens e Mulheres)	38
Quadro 11 – Satisfação com a vida, Ética Monetária e Comportamentos Monetários: Homens e Mulheres	39
Quadro 12 – Ética Monetária e Comportamentos Monetários: Homens e Mulheres	41
Quadro 13 – Correlações: Influência de variáveis sócio - demográficas	43
Quadro 14 – Local de Residência, Satisfação com a Vida, Ética Monetária e Comportamentos Monetários: Homens e Mulheres	44
Quadro 15 – Influência dos indicadores de isolamento	46
Quadro 16 – Grupo de Ética e Comportamentos Monetários	48

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população é um fenómeno mundial. Na União Europeia as taxas de natalidade têm diminuído na maioria dos países e a esperança média de vida tem aumentado, sendo já apelidada de “Europa idosa”. Em Portugal verifica-se a mesma situação. As principais causas residem por um lado na baixa natalidade e por outro o aumentado nos últimos anos e já não assegura a renovação das gerações, e o aumento da longevidade, pelo que, actualmente, o número de idosos ultrapasse o de crianças. A esperança de vida dos portugueses também aumentou exponencialmente, tanto para homens como para mulheres, pois passou a ser 80,3 anos para as mulheres e 73,5 para os homens nos últimos anos (DGS, 2006).

Os idosos portugueses acumulam baixos níveis de instrução, baixos rendimentos, isolamento físico e social e baixa participação social e cívica, e com condições habitacionais e de saúde desfavorável. São um dos grupos populacionais mais vulneráveis à pobreza e exclusão social, quer por serem um grupo marginalizado socialmente, quer por usufruírem de rendimentos abaixo do limiar de pobreza. (INE, 2002). Estes factores influenciam a satisfação com a vida que por sua vez se relaciona com outros factores, por exemplo, variações na saúde ou nas condições financeiras das famílias (George, 2000 cit in Patrão e Sousa, 2007). Apesar desta relação o contexto sócio-económico das famílias tem sido frequentemente negligenciado, havendo poucos estudos no sentido de clarificar estas realidades (George, 2000, cit in Patrão e Sousa, 2007). Na sociedade ocidental o dinheiro ainda é considerado um tema *tabu*, mas participa na vida económica e constitui uma parte significativa da vida social. O dinheiro é descrito como algo neutro e impessoal, com um significado apenas quantitativo (Mitchell e Mickel, 1999), mas tem uma carga emocional e significado. As pesquisas mais recentes têm procurado compreender o constructo e as variáveis que se relacionam. Os principais instrumentos de medida são a Escala de Ética monetária (Tang, 1992) e a Escala de Comportamentos Monetários (Furnham, 1984).

A satisfação com a vida nos idosos depende de factores ambientais, em que os bens materiais têm bastante influência, sobretudo os idosos que vivem sós, já que se verificou que o índice de pobreza é maior nos idosos que vivem sós, atingindo os 56%, em Portugal (INE, 2002), que perspectivam o futuro com grande ansiedade. Assim, neste estudo procura-se compreender como a satisfação com a vida em famílias unipessoais, compostas por homens e mulheres idosos, de classe média, se relaciona com os comportamentos e ética monetária.

1. CONTEXTO DE ENVELHECIMENTO: HOMENS E MULHERES QUE VIVEM SÓS

1.1. GÉNERO E ENVELHECIMENTO

O género na velhice é relevante principalmente pela feminização da velhice. De facto, homens e mulheres vivem e envelhecem de forma diferenciada. As mulheres idosas deparam-se com todas as desvantagens experimentadas ao longo da vida (são mais pobres, têm uma escolaridade inferior). Além disso como a maioria não teve um trabalho remunerado acabando por depender do Estado ou da família. Em Portugal podemos observar que as mulheres em 1960 representavam apenas 20% da população activa (Barreto, 2002). As mulheres vivem mais anos, mas os homens podem esperar viver mais tempo sem incapacidade física (INE, 1995).

Torna-se, então, pertinente compreender o conceito de género nas diferentes sociedades, o que permite entender as desigualdades económicas, sociais e políticas, que se fundamentam mais nas relações sociais do que nos aspectos biológicos (Figueiredo *et al*, 2007). O conceito de género foi introduzido na década de 1960/70, através da antropologia. Os movimentos feministas começaram a questionar a forma desigual e assimétrica que estruturava as relações entre homens e mulheres. Estes movimentos denunciaram a subordinação das mulheres e as relações hierárquicas entre os homens e mulheres (Pereira, 2005). Este conceito é influenciado por categorias sociais, por exemplo: “ser uma mulher, chefe de família, pobre, negra e idosa configura-se numa experiência completamente diferente se esta mesma mulher for branca, mais jovem e se pertencer a uma classe social mais abastada” (Pereira, 2005; p. 83).

Na sociedade portuguesa o lugar da mulher foi subjugado ao do homem. O código civil de 1867 (código de Seabra) valorizava os deveres conjugais e a obediência ao marido e influenciou todo o século XX. A revisão efectuada em 1966 manteve a figura do homem como chefe de família. Foi a ruptura institucional do 25 de Abril de 1974 que permitiu a viragem nos papéis do género (Amâncio, 2007). Esta ruptura provocou mudanças drásticas em cerca de 30 anos e promoveu valores de igualdade e de direito das mulheres à profissão remunerada, mas também foi marcada pela transição de determinados valores relativos ao papel da mulher (Aboim, 2007). Num estudo realizado em 2002 (Família e papéis de género) verificou-se que as diferenças de género existem nos países e no interior das classes sociais. No caso português as mulheres são mais modernas que os homens, e esta distância aumenta com a escolaridade e diminui conforme com a idade. Contudo as mulheres são mais tradicionalistas que os homens na centralidade dos filhos (Aboim, 2007).

A feminização caracteriza-se, ainda, por mais mulheres a viverem sós. Devido a sua longevidade as mulheres vivem mais e o número de viúvas é significativamente superior ao dos viúvos. Em 2006, a maioria dos idosos, 62,8% vivia com o cônjuge, 20,7 % viviam sós e 16,5 % viviam sem cônjuge (com ou sem filhos e outros). As mulheres vivem mais sós do que os homens: 26,9% das mulheres e 10,2% dos homens (INE, 2007).

As taxas de viuvez são mais elevadas neste grupo etário. A formação de uma nova família (casamento ou união de facto) entre as pessoas idosas é mais frequente entre os homens (INE, 2002). Viver só é cada vez mais normal na nossa sociedade. Considera-se que uma pessoa vive só, quando habita sozinha num alojamento e quando há partilha do mesmo alojamento mas com vidas independentes (INE, 2002). As pessoas sós correspondem a 6,1% da população Portuguesa e as mulheres são o dobro dos homens que moram sozinhos. Além disso, a população idosa representa 20% da população a viver só (INE, 2002). As pessoas idosas que vivem sós apresentam, como o resto da população idosa, um nível de instrução muito baixo, mais de 90% possuem apenas o ensino básico. A maioria é viúva ou solteira, enquanto na população com a mesma idade há prevalência de pessoas casadas (Guerreiro, 2003).

Viver só decorre principalmente de o culminar de um trajecto familiar e conjugal, em que numa fase avançada da idade a morte atinge um dos cônjuges. Nestas gerações o celibato não é encarado como uma opção, mas mais como uma obrigação. Viver só traduz diferentes realidades e significados individuais (Guerreiro, 2003).

A feminização da velhice pode levar a solidão ou ao isolamento social. A solidão pode ocorrer tanto na presença como na ausência de outras pessoas, ou seja, a solidão é vivida como é percebida pelo indivíduo (Moreira e Callou, 2006). O conceito de solidão é multidimensional, apresenta uma componente sociológica e psicológicas e resulta de carências afectivas, sociais e/ou físicas, reais ou não e tem um impacto na saúde física e psíquica do indivíduo (Moreira *et al*, 2006). A componente sociológica refere-se à individualidade, que provoca o isolamento do outro, sendo resultado do egocentrismo, individualismo e narcisismo. A componente psicológica refere-se à ausência afectiva do outro e a sensação de estar só; pode haver outras pessoas próximas, mas falta interacção e comunicação social (Moreira *et al*, 2006). Quando a solidão se torna um estado de espírito pode levar à depressão, uma doença mental grave que interfere em todos os aspectos da vida. Nos idosos é a doença psiquiátrica mais comum. O idoso encontra-se numa fase de grandes mudanças e perdas, suficientes para desenvolver um quadro de sintomatologia depressiva: os sentimentos de frustração relacionados com a vida, o abandono, a solidão, o sentimento de inutilidade, a alteração da actividade profissional, as perdas e a morte (Stella *et al*, 2002). A depressão nos idosos é de difícil diagnóstico, pois normalmente apresenta sintomas atípicos que podem esconder-se em problemas clínicos e sociais (Chaves, 2006).

1.2. ENVELHECIMENTO E CLASSE MÉDIA

O nosso estudo incide sobre a classe média. O conceito de classe social engloba diferentes instâncias: económicas, jurídicas, políticas e ideológicas que compõe o todo social (Carvalho & Machado, 2006). Há várias classificações de classes sociais, a que foi adoptada neste estudo foi a de Graffar que avalia o rendimento económico conjugado com a escolaridade, profissão, condições habitacionais e local de residência. Esta classificação é mais ampla, pois permite avaliar várias dimensões.

O envelhecimento é complexo e é necessário compreender todos os percursos de vida e as suas diferenças mais uma vez aqui surgem as questões de género. As mulheres apresentam rendimentos inferiores e entraram mais tarde no mercado de trabalho, o que conduziu a evidentes diferenças na sua forma de envelhecer. Por isso, as mulheres idosas são mais pobres e dependentes que os homens.

No início da década de 1960 as mulheres representavam 20% da população activa empregada, sendo que a maioria desempenhava funções no sector primário. Tal é consequência de uma sociedade patriarcal e masculina (Barreto, 2005). Portugal era um país pouco industrializado e com uma taxa de analfabetismo que representava quase 40% da população. A revolução de 25 de Abril de 1974 e a entrada na União Europeia em 1986 provocaram mudanças velozes em todos os aspectos socioeconómicos e culturais. A sociedade tornou-se mais consumista e surgiram as novas classes médias, mas desigualdades as aumentaram.

Portugal foi-se industrializando, 51,7% da população trabalha no sector terciário e apenas 7 % no sector primário, sendo que as mulheres trabalham maioritariamente no sector terciário e primário. A desruralização e a industrialização condicionaram e contextualizaram as mudanças nas práticas e valores. A classe média, em termos sociais, é um elemento vital nas democracias contemporâneas ocidentais, assumindo um papel relevante na difusão de valores e práticas sociais.

2. SATISFAÇÃO COM A VIDA

A satisfação com a vida é conceito complexo e de difícil mensuração, como tal tem sido foco de interesse de muitos estudos, principalmente, na última década. Com o aumento da longevidade e consequente aumento do número de idosos, torna-se importante o estudo sobre o envelhecimento e a satisfação com a vida

A satisfação com a vida é uma das medidas de bem-estar subjectivo (BES), reflectindo a avaliação pessoal sobre determinados domínios e a forma como as pessoas vivem as suas experiências de vida de modo positivo (Resende *et al*, 2007). Na literatura emergem diversos conceitos fortemente associados a satisfação com a vida, tais como, qualidade de vida, bem-estar ou mesmo felicidade (Veenhman, 2005). Estes conceitos são de difícil operacionalização e têm significados muito próximos (Maia *et al*, 2007). Torna-se assim pertinente definir também os conceitos de qualidade de vida e bem-estar subjectivo.

A qualidade de vida é uma das questões fundamentais no envelhecimento, pois abrange as dimensões: física, psicológica, social e ambiental, introduzindo variáveis diversificadas na compreensão do processo de envelhecimento.

O bem-estar subjectivo (BES) é um conceito relativamente recente e tem evoluído nos últimos 30 anos. Surgiu com a tese de Wilson em 1960 (Galinha e Ribeiro, 2005). Inicialmente descrevia e caracterizava as condições de vida de diferentes grupos e culturas e sua relação com a felicidade pessoal. No entanto, evoluiu para uma tentativa de compreensão da felicidade, do modo como interpreta e vive subjectivamente os acontecimentos (Simões *et al*, 2001).

Segundo Diener (2000) o bem-estar subjectivo consiste na avaliação que as pessoas fazem da sua vida. Este conceito é subjectivo, avaliado a partir da satisfação com a vida e da felicidade. A satisfação com a vida é considerada uma dimensão de natureza cognitiva e representa o balanço psicológico que cada indivíduo faz em relação da sua vida. A felicidade representa a dimensão afectiva, ou seja a avaliação que cada indivíduo faz das suas experiências positivas (tendência de experimentar sentimentos e emoções agradáveis) e negativas (disposição de experimentar sentimentos e emoções desagradáveis). A satisfação com a vida é um julgamento da própria vida, que depende da comparação entre as circunstâncias de vida e a avaliação da vida de acordo com um padrão estabelecido, ou seja, é a avaliação que as pessoas fazem da vida como um todo, tendo em conta a discrepância percebida entre aspirações e realizações (Paúl, 1992).

2.1. FACTORES QUE INFLUENCIAM A SATISFAÇÃO COM A VIDA

Os estudos das últimas décadas sobre a satisfação com a vida têm revelado diversos factores que a influenciam, destacando-se: personalidade, aspectos socioeconómicos (saúde, variáveis sócio - demográficas, relações sociais, zona de residência, rendimento, estado civil, educação, religião e género). Como os conceitos satisfação com a vida e bem-estar subjectivo são similares e dada a escassez de estudos que utilizem unicamente o termo satisfação com a vida, optou-se pela utilização de estudos referentes a satisfação com a vida e bem-estar subjectivo.

Personalidade

Os estudos demonstram a relação entre traços de personalidade e a satisfação com a vida (Diener, 1996; Neto, 1999; Simões *et al.*, 2001; Irigary *et al.*, 2007; Albuquerque *et al.*, 2007). DeNeve e Cooper (1998) realizaram uma meta-análise a 148 estudos, onde relacionaram 137 traços de personalidade com o BES, tendo-se verificado que a personalidade, a nível dos traços, parece ser boa predictora da satisfação com a vida e do afecto positivo, mas uma predictora mais débil do afecto negativo.

Aspectos socioeconómicos

Os factores socioeconómicos têm um impacto global sobre o BES modesto, mas relevante (Simões *et al.*, 2000; Diener *et al.*, 1999). Diener *et al.* (1999) verificou que nas nações pobres as pessoas ricas são um pouco mais felizes que as pobres. Comparando com os avós, os jovens de hoje são mais ricos, um pouco mais infelizes e muito mais propensos a cair em depressão e sujeitos a patologias sociais.

Saúde

A saúde é um bom predictor da satisfação com a vida, principalmente em pessoas idosas (Paúl, 1992; Diener, 1984; Diener, 1999). A percepção do estado de saúde relaciona-se com o BES, sendo que os traços de personalidade apresentam correlações com saúde objectiva. Num estudo realizado nos USA e na Alemanha (Staudinger, 1999 cit in Simões, 2000) concluiu-se que a saúde subjectiva é influenciada pela personalidade. Adkins (1996, cit in Simões, 2000) verificou que o efeito negativo da saúde sobre o BES só se verificou a partir de um grau considerável de deterioração. A saúde pode influenciar de maneira directa o BES, através das metas pessoais, mediante o seu ajustamento às condições físicas actuais (Simões *et al.*, 2000).

Variáveis sócio - demográficas

As variáveis sócio - demográficas parecem ter pouca influência na satisfação com a vida (normalmente são consideradas variáveis de controlo). No entanto, a situação conjugal, emprego e lazer apresentam uma forte influência sobre a satisfação com a vida (Diener, 1999 e Seligman, 2004). Em geral, verifica-se que a satisfação com a vida aumenta com a idade, ao passo que a intensidade das experiências afectivas diminui. A satisfação com a vida tende a ser superior nas mulheres e nas pessoas que recebem a reforma (Diener *et al*, 1999; Kunzmann *et al*, 2000). A relação entre a idade e o BES tem sido estudada sob três perspectivas: indicadores sociais, em que o bem-estar diminui com a idade; a teoria da selectividade sócio - emocional, onde o BES aumenta; e, a teoria de *set-point*, onde a idade é irrelevante (Otta e Fiquer, 2004).

Na teoria da selectividade sócio - emocional (Carstensen, 1995), as pessoas mais velhas, através dos anos de experiência, podem seleccionar pessoas e situações que minimizem as emoções negativas e maximizem as positivas. Isto proporcionaria aos idosos maior equilíbrio de afectos levando a um sentimento maior de satisfação em relação à vida (Otta *et al.*, 2004).

Na perspectiva de indicadores sociais, as variáveis sócio - demográficas como comodidade, género, estado civil e rendimento, são responsáveis pelas diferenças entre as pessoas quanto ao seu nível de felicidade ou bem-estar (Ryff, 1995). Por exemplo, as pessoas mais jovens (e/ou com maior poder aquisitivo e/ou casadas) seriam mais felizes que as mais velhas (e/ou com menor poder aquisitivo e/ou solteiras, viúvas, divorciadas), pela maior disponibilidade de recursos físicos, psicológicos e materiais. Uma previsão oposta, é feita pela teoria da selectividade sócio-emocional, segundo a qual as emoções são mais reguladas à medida que as pessoas ficam mais velhas, o que proporciona maior bem-estar (Carstensen, 1995).

A relação entre idade e bem-estar pode ser modulada pelo género. White e Edwards (1990, cit in Simões *et al*, 2000) verificaram que mulheres com menos de 55 anos se consideravam menos felizes do que os homens. A pesquisa procurou investigar o bem-estar de jovens, adultos, pessoas de meia-idade e idosas, procurando testar as previsões dos diferentes referenciais teóricos: de indicadores sociais, da selectividade sócio - emocional e de *set-point*. Os resultados obtidos relativos à idade estão de acordo com o que se esperaria pela teoria da selectividade sócio - emocional, que considera que as emoções são mais reguladas à medida que as pessoas ficam mais velhas.

Dentro dos dados sócio - demográficos, os que mais se destacam são as relações sociais, a zona de residência, o rendimento, o estado civil e a educação.

Relações sociais

As relações sociais são importantes para o BES e influenciam positivamente a satisfação com a vida (Resende *et al*, 2006). O contacto com outras pessoas é essencial em qualquer época

do ciclo vital. A idade está associada à mudança normativa de comportamentos que modificam o auto-conceito e requerem a incorporação de novos papéis sociais e novas adaptações (Resende *et al*, 2006). As características do indivíduo influenciam o número, natureza e tipos de relações, que por sua vez influenciam a satisfação com a vida. Quando baseados na reciprocidade e solidariedade, as relações sociais proporcionam confiança e influenciam a satisfação com a vida. As redes sociais reduzem o isolamento e aumentam a satisfação com a vida das pessoas.

No Brasil, foi desenvolvido um estudo que pretendeu investigar a configuração e o tamanho da rede social dos idosos que vivem sozinhos e essa relação com a satisfação (Braga *et al*, 2005). Encontraram em média 13 pessoas a fazer parte da rede social. A maioria encontra-se satisfeita com o tamanho da sua rede social e relataram elevado grau de satisfação com a vida e expectativas com a vida futura. Noutro estudo (Resende *et al*, 2006) os resultados são similares: a maioria das pessoas encontra-se satisfeita com a vida, salientando-se a importância das redes sociais; as pessoas com uma rede social maior relatam maior satisfação com a vida.

Paúl (2001), num estudo em Portugal, encontrou uma rede social de 25 elementos numa população dos 30 aos 85 anos. Outro estudo do mesmo autor, mas vocacionado apenas para idosos encontrou uma rede de cerca de 27 elementos. Neri (2001) estudou o BES em mulheres idosas que moram sozinhas. A maioria não se sentia sozinha ou isolada e diziam-se muito satisfeitas com as suas vidas. As mais satisfeitas descreveram o facto de viver sozinhas como uma contingência do ciclo natural do envelhecimento e mantinham contactos regulares com familiares e amigos.

Zona de residência

Os sentimentos de solidão e isolamento são influenciados pelo estilo de vida, pelas histórias de vida e pelas diferenças entre o campo e a cidade. Paul *et al* (2001) desenvolveu um estudo numa comunidade rural e comparou os resultados com uma comunidade urbana. Desse estudo surgiram os seguintes resultados: as atitudes face ao próprio envelhecimento são significativamente mais negativas nos idosos urbanos; relativamente aos critérios de autonomia e envelhecimento com qualidade, os idosos do meio rural apresentam condições superiores, possuindo também rede social mais alargada de familiares e amigos; em ambos a idade não parece estar associada à satisfação com a vida. Sequeira e Silva (2002) desenvolveram um estudo que procurou avaliar os níveis de BES dos idosos numa comunidade rural. A amostra era constituída por 40 idosos e foram obtidos os seguintes resultados: a maioria dos idosos apresentava níveis médios de BES e apresentavam níveis médios/elevados de solidão e insatisfação.

Rendimento

O crescimento económico não tem sido acompanhado por um aumento equivalente a satisfação com a vida. As correlações entre o nível de rendimento e a satisfação com a vida são pouco elevadas. As condições de emprego afectam o nível de satisfação das pessoas e podem contribuir para elevar ou diminuir o seu BES, dada a centralidade do trabalho (Ordem dos Advogados, 2006).

Existem vários estudos sobre o rendimento nacional e internacional, tendo-se verificado que a relação encontrada entre o BES e o rendimento é modesta, mas significativa. Diener *et al* (1999) tentou perceber se o BES era influenciado pelo rendimento e não encontrou diferenças significativas.

Em relação a um País, um aumento da economia não implica um aumento no BES. Diener *et al* (1999) comparou 3 países (França, USA, Japão) num período de 1946 a 1990 e concluiu que a curva do crescimento económico subia na diagonal e a curva do BES conserva-se na horizontal.

Em 2005 foi realizado um estudo no Brasil que teve como objectivo adaptar à população médica brasileira a Escala de Satisfação com a Vida e avaliá-la. Os profissionais relataram estar satisfeitos com a sua vida, não havendo influência do sexo. A pontuação variou em função das idades dos participantes, ou seja, os médicos mais velhos apresentam maior satisfação com a vida (Gouveia *et al*, 2005).

Em Portugal, realizou-se um estudo que avaliou o BES dos advogados, relacionando com o rendimento. Portugal obteve os resultados mais baixos de satisfação com a vida comparando com o resto da Europa. No entanto, os profissionais estão bastantes satisfeitos com a sua vida, sendo o nível de satisfação global dos advogados idêntico ao restante da população portuguesa. Os que estão casados apresentam-se mais satisfeitos (Ordem dos Advogados, 2006).

Estado civil

A maioria dos estudos encontra relação positiva entre a satisfação com a vida e estar casado. Whood *et al* (1989, cit in Simões, 2000) realizaram uma meta-análise que revelou que as pessoas casadas mostram ser significativamente mais satisfeitas que as não casadas (solteiras, viúvas, divorciadas ou separadas). Os estudos demonstram que a correlação se mantém, mesmo quando se controlam variáveis relacionadas com o casamento, como a idade, rendimento ou nível de instrução (Simões *et al*, 2000). Em relação à influência da cultura sobre o BES e o casamento, Diener *et al* (1999) refere que nas culturas individualistas, que dão grande valor ao matrimónio, é mais provável que as pessoas divorciadas ou viúvas sofram, quando comparadas com as casadas, pois o casamento pode ser fonte de intimidade e apoio social (Simões *et al*, 2000).

Educação

A educação não é um forte predictor de BES (Diener, 1984; Witter *et al*, 1984 cit in Simões *et al*, 2000). A influência da educação varia com o género, ou seja, nos homens altos níveis de educação predizem níveis inferiores de afectividade positiva. Nas mulheres a educação não está associada com a afectividade positiva. O contrário ocorre com a afectividade negativa: as mulheres com níveis mais altos de educação apresentam menos afectividade negativa (Simões *et al*, 2000). A educação pode conduzir a metas e a fomentar aspirações mais elevadas, cuja realização frustrada é susceptível de provocar efeitos mais negativos na satisfação com a vida (Simões *et al*, 2000).

Género

As investigações não encontram diferenças significativas entre o género e a satisfação com a vida. Na meta-análise de Wood (1989, cit in Simões *et al*, 2000) as mulheres apresentavam-se mais satisfeitas com a vida.

3. ÉTICA E COMPORTAMENTOS MONETÁRIOS

Actualmente existe um emergente interesse sobre a ética e os comportamentos monetários na literatura, no entanto, escasseiam as definições diferenciais desses conceitos. De modo geral, podemos considerar a ética monetária como incluindo as atitudes e crenças das pessoas perante o dinheiro e o comportamento monetário como a forma como se age em relação ao dinheiro.

Várias têm sido as disciplinas que procuram estudar o dinheiro, sobre diversas perspectivas, conduzindo a uma panóplia de estudos (Furnham, 2000): a sociologia abordou os seus estudos nos comportamentos dos ricos/pobres e as respectivas consequências; a antropologia aprofundou a natureza e a função do dinheiro; os economistas procuraram estudar as questões económicas numa perspectiva macro. A psicologia procura compreender o dinheiro a nível individual, ou seja, de que forma e porque razão um grupo de pessoas distintas com crenças e contextos sociais diferentes usam o seu dinheiro. As principais razões para não existirem muitos estudos que abordem a psicologia do dinheiro prendem-se com o *tabu* que lhe é associado nas sociedades modernas: ser considerado um tema trivial e ser “exclusivamente” uma esfera económica (Furnham, 2000).

O dinheiro apresenta três componentes (Olivarez *et al.*, 2006): afectiva, simbólica e comportamental. A afectiva define o dinheiro como algo bom ou mau, importante ou irrelevante, valioso ou não. A simbólica associa-se à realização, reconhecimento, estatuto, respeito, liberdade, controlo e poder. A componente comportamental foca as acções e os investimentos relacionados com o dinheiro. Diferentes pessoas encaram, valorizam e tratam o dinheiro de forma diferente, sendo influenciadas por factores pessoais, contextuais e ambientais, bem como por normas sociais. O dinheiro é o objecto com mais significado emocional, em conjunto com a comida e o sexo, pois provocam sentimentos fortes e contraditórios (Mitchell *et al.*, 1999).

O dinheiro tem sentidos múltiplos, sendo simultaneamente sagrado e profano (Furnham *et al.*, 2000). Pode ser algo sagrado devido aos mitos, mistérios e rituais associados à sua aquisição e uso, não servindo para a troca de algumas coisas (por exemplo, uma noiva ou de expiação dos pecados) devido ao seu carácter emocional. O dinheiro parece assim algo inerte, com a função utilitária de facilitar as trocas comerciais (Mitchell *et al.*, 1999). É uma convenção social, ou seja, as atitudes são determinadas, em parte, por aquilo que as pessoas julgam vir a ser a reacção dos outros e a sua eficácia depende das expectativas que nele depositam, não tanto nas suas características intrínsecas ou materiais (Furnham *et al.*, 2000).

De forma sucinta, a evolução do dinheiro teve início com a troca directa, câmbio ou a permuta. Estas trocas eram feitas com escravos, mulheres, tecidos e representavam simbolicamente o dinheiro. Na Bacia Mediterrânica surgiram os primeiros metais que eram utilizados como dinheiro, posteriormente surgiu o sistema de banca, de crédito e, por fim, as notas e dinheiro de plástico (Furnham *et al.*, 2000).

Nos últimos 30 anos têm sido desenvolvidos vários instrumentos para avaliar as atitudes e comportamentos face ao dinheiro. Luft (1957, cit in Furnham, 2000) realizou um estudo para compreender como o rendimento semanal influenciava as relações interpessoais, tendo descoberto que o rendimento determinava a forma como o indivíduo era tratado pelos seus pares. Os homens ricos eram vistos como pessoas felizes, saudáveis e adaptadas e os pobres como inadaptados e infelizes. Wernimont e Fitzpatrick (1972) procuraram compreender os significados que pessoas diferentes atribuíam ao dinheiro. Da análise factorial emergiram sete factores: 1) insucesso (a falta de dinheiro é um indicador de insucesso, embaraço e degradação; 2) aceitação social; 3) desprezo; 4) perversidade moral; 5) segurança cómoda; 6) reprovação social; 7) valores negociais conservadores. As experiências de trabalho, os níveis socio-económicos e o género pareciam influenciar as percepções sobre o dinheiro. Por exemplo, as pessoas empregadas encaravam o dinheiro de maneira positiva e desejável, já os desempregados encaravam de forma tensa, incómoda e infeliz.

Em 1981, Rubinstein (cit in Olivarez *et al*, 2006) desenvolveu um inquérito monetário para investigar as atitudes e os sentimentos dos leitores de uma revista acerca do dinheiro. Os resultados sugerem que as pessoas mais gastadoras eram mais felizes e saudáveis que os poupados. Os mais *sovinas* possuíam baixa auto-estima e revelavam menor satisfação com as finanças, sendo mais pessimistas em relação ao seu futuro. Os satisfeitos tinham maior capacidade para o gerir dinheiro, ao passo que os insatisfeitos gastavam o dinheiro de forma impulsiva recorrendo muitas vezes ao crédito. Conforme aumentava o rendimento, aumentava a discrição e o desejo de camuflar a riqueza: metade dos inquiridos revelou que nem os pais, nem amigos sabiam o valor do seu salário.

Yamauchi e Templer (1982, cit in Oliverez, 2006) desenvolveram a escala de Atitude Monetária (EAM) da qual emergiram quatro factores: poder/prestígio, tempo de retenção, desconfiança e qualidade/ansiedade. Os resultados demonstram que as atitudes e comportamentos monetários eram independentes do rendimento.

Em 1984 (McClure, cit in Lim & Teo, 1996) foi realizado um estudo que procurou compreender as atitudes e os comportamentos monetários relacionados com a personalidade. Os principais resultados revelam que as pessoas mais extrovertidas tinham tendência para ser mais extravagantes e menos *sovinas* do que os introvertidos. Aqueles que possuíam um forte sentido de controlo sobre o dinheiro revelaram menores índices de ansiedade e tinham tendência a ser mais extrovertidos. Os introvertidos consideravam o dinheiro como sendo o

mais importante nas suas vidas. As atitudes e comportamentos monetários não estavam relacionados com o sexo, educação ou emprego.

Furnham (1984) desenvolveu uma escala de comportamentos monetários para analisar a relação entre aspectos demográficos e sociais e as crenças e os comportamentos monetários. Pretendia, ainda, analisar as crenças monetárias das pessoas em relação ao passado e ao seu futuro. Os resultados revelaram seis factores: obsessão, poder/gasto, retenção, segurança/conservador, inadequado e esforço/capacidade. As pessoas mais velhas com menores níveis educativos e as pessoas mais ricas apresentavam maior preocupação com o dinheiro no futuro. As pessoas agem provavelmente em função das crenças que têm em relação às tendências futuras no que se refere à poupança, gasto e investimento (Furnham *et al.*, 2000).

Em 1989, Gresham e Fontenot (cit in Moreira, 2002) utilizaram a EAM para analisar diferenças de género. Os dados indicam que as mulheres pareciam usar o dinheiro em questões de poder sendo mais ansiosas que os homens. Paralelamente, elas têm maior interesse na qualidade dos bens e serviços que adquiriam. Lynn (1991, cit in Lim & Teo, 1996) analisou as diferentes atitudes e comportamentos monetários em 40 países, utilizando alguns itens da escala desenvolvida por Furnham (1984). Os resultados mostram que as pessoas que viviam em países mais desenvolvidos atribuíam menor valor ao dinheiro; paralelamente os homens atribuíam maior valor ao dinheiro comparativamente com as mulheres. Hanley e Wilhelm (1992) investigaram a relação entre a auto-estima e atitudes relacionadas com o dinheiro, utilizando a escala de Furnham (1984). Os compradores compulsivos possuíam uma auto-estima mais baixa e acreditavam que o dinheiro a poderia aumentar, sendo solução para os seus problemas e podia reflectir o seu estatuto e poder. As mulheres, os idosos e as pessoas de classes sociais mais baixas preocupavam-se mais com o dinheiro.

Tang (1992) desenvolveu a Escala de Ética Monetária, para medir as atitudes em relação ao dinheiro no trabalho. A escala revelou três factores: sucesso, orçamento/gestão e perversão. O estudo demonstrou que a capacidade para orçamentar estava relacionada com a idade e com o sexo (feminino). As pessoas com salários mais elevados tinham tendência para pensar que o dinheiro era indicador de realização pessoal e menos perverso. Contrariamente os jovens viam o dinheiro como sendo algo perverso. Em 1993, Tang usou a escala em estudantes de Taiwan e verificou que os resultados eram consistentes com os valores culturais e com as expectativas pessoais: as pessoas com menos expectativas em relação ao dinheiro tinham tendência para ser mais felizes e menos stressadas.

Tang e Gilbert (1995) observaram que os trabalhadores com baixos níveis de *stress* organizacional acreditavam que o dinheiro era algo de bom. Tang (1995) reduziu a escala inicial de 30 itens para 12 itens. Já com a escala reduzida o autor verificou que as pessoas que valorizam mais o dinheiro apresentam baixa satisfação com a vida; enquanto aquelas que fazem uma boa gestão do seu dinheiro apresentam elevada satisfação com a vida. As pessoas

que possuem elevada ética monetária tendem a ser mais velhas e do sexo masculino, gerem melhor e acreditam que o dinheiro não é mau. As pessoas com controlo interno tendem a pensar que gerem cuidadosamente o seu dinheiro e as pessoas com elevada auto-estima e necessidade de realização tendem a pensar que o dinheiro é mau. As pessoas que revelaram uma atitude altamente positiva em relação ao dinheiro subscreviam valores económicos e políticos firmes, mas não valores religiosos.

Medina, Saegert e Gresham (1996) analisaram as atitudes dos americanos de origem mexicana para com o dinheiro em oposição aos anglo-americanos. Verificaram que as questões culturais e étnicas se reflectem nos comportamentos e atitudes perante a poupança, gastos e jogos de azar. Tang (1997, cit in Furnham, 2000) analisou o Questionário de Ética Monetária, comparando trabalhadores na América, Grã-Bretanha e Taiwan, e concluiu que as condições culturais e económicas poderão desempenhar um papel preponderante nas crenças em relação ao dinheiro. Shah (2004) realizou um estudo comparativo entre mexicano e cubanos residentes nos Estados Unidos da América, e verificou que existem diferentes atitudes em relação ao dinheiro, mas que ambos estavam preocupados com o seu futuro, e deram especial relevo ao factor poupança. Tang e Arocas (2004) realizaram um estudo com professores universitários e verificaram que os professores que pontuavam mais nos factores sucesso e orçamento, tinham maior satisfação profissional e com a vida; os que pontuavam mais no sucesso e menos no orçamento, apresentavam menor satisfação salarial e com a vida; os que apresentavam pontuações mais baixas no factor perversidade apresentavam maior satisfação com a vida e profissional. Gharpade *et al* (2006) realizaram um estudo com o objectivo de compreender a influência da personalidade nas atitudes em relação ao dinheiro, utilizando uma amostra com diversidade étnica e religiosa. Os resultados demonstram que aqueles que tinham pontuação mais elevada no factor sucesso, eram indivíduos com *locus* de controlo elevado e fundamentalistas cristãos. Olivarez *et al* (2006) realizaram um estudo com estudantes universitários e verificaram que existem diferenças entre o género: as mulheres dão menos importância ao dinheiro.

Existem alguns comportamentos e atitudes das pessoas face ao dinheiro que têm despertado o interesse dos psicólogos, principalmente em relação à poupança e doações. O facto de as pessoas se desprenderem e distribuírem o seu dinheiro, tem suscitado a curiosidade de economistas, sociólogos e psicólogos: os economistas acreditam que as vantagens económicas levam as pessoas a doarem o seu dinheiro; os sociólogos pensam que as doações ocorrem quando há reciprocidade entre os envolvidos no relacionamento social; os psicólogos acreditam na motivação social e no altruísmo como principais causas da doação do dinheiro (Furnham *et al.*, 2000).

Num estudo realizado na Grã-Bretanha, as doações são feitas em primeiro para a saúde, em segundo lugar para as pessoas necessitadas e em terceiro lugar para a caridade internacional (Furnham *et al.*, 2000). Os ricos e as pessoas entre os 30 e 65 anos costumam doar mais

dinheiro. Os reformados e desempregados dão menos e as mulheres comparadas com os homens dão um pouco mais. Os casais dão mais que os solteiros e os casais com filhos dão mais do que os sem filhos. A motivação social, o desejo de agradar e impressionar são os motivadores das doações. (Furnham *et al*, 2000)

Segundo Rowlingson e McKay (2004) existem quatro motivos para poupar: i) precaução (fazer uma reserva para imprevistos); ii) orgulho (legar o dinheiro a terceiros); iii) independência e melhoramento (valorizar o futuro e aumentar a qualidade de vida); e iv) racional (enfrentar situações futuras, como a entrada na reforma). Os jovens e idosos poupam mais, os idosos costumam aumentar as poupanças em virtude de um decréscimo significativo das despesas.

3.1. ÉTICA E COMPORTAMENTOS MONETÁRIOS E A SATISFAÇÃO COM A VIDA

Estudos recentes demonstraram que o efeito do dinheiro é mais forte nas classes sociais mais baixas. Diener (1993) considera que existe uma forte correlação entre a satisfação com a vida e o rendimento dos mais pobres e um nivelamento para os que se encontram em melhores condições. Mas existe um grande número de pobres que estão felizes e satisfeitos e muitos ricos que estão infelizes e insatisfeitos.

Diener (1995) avaliou a relação entre o rendimento e a satisfação em 55 países descobrindo correlações elevadas. O aumento do rendimento não significa uma subida proporcional na satisfação com a vida, no entanto uma diminuição no salário pode levar ao sentimento de frustração e à diminuição da satisfação com a vida. Os efeitos da subida da satisfação são a curto prazo, pois as pessoas habituam-se a um nível de vida e passam a encará-lo como normal. Smith e Razzell (1975, cit in Furrman, 2000) realizaram um estudo sobre os vencedores de lotarias, verificando que estavam apenas um pouco mais felizes. Isto pode ser explicado porque o dinheiro compra bens materiais, mas não compra relações de afecto. Estas pessoas que ganharam a lotaria sentiam que só tentavam extorquir-lhes dinheiro.

A teoria da comparação social (Festinger, 1954) defende que mantendo-se constante o rendimento, a felicidade é variável de acordo com a comparação a outras pessoas, a comparação com vida passada e com as outras pessoas, que fornece uma melhor visão da felicidade do que da satisfação. Smith (1989) descobriu que as comparações sociais estavam mais fortemente correlacionadas com a satisfação do que as alterações mais recentes. Diener (1993) comparou o BES das pessoas com o mesmo rendimento nas áreas pobres e ricas dos EUA. A teoria da comparação deduzia que as pessoas se sentissem mais felizes nas áreas pobres, mas tal não se verificou, pois provavelmente os pobres não se apercebiam de como os ricos eram. Diener (1995) verificou o efeito do BES americano com países vizinhos mais pobres e mais ricos, mas não encontrou diferenças.

Diener (1995) e Veenhoven (1994, cit in Furhamn, 2000) descobriram que a felicidade média aumentava quando havia discrepância menor na distribuição do rendimento. A influência do rendimento sobre a satisfação com a vida é muito reduzida. A satisfação com a vida é influenciada por outras variáveis como a personalidade, satisfações profissionais e relações sociais. O dinheiro é apenas um motivador de curta duração.

O dinheiro pode ajudar a influenciar a satisfação com a vida através das outras variáveis. O lazer é um forte predictor da satisfação com a vida, pois a falta de dinheiro poderá limitá-lo. No entanto, existem muitas actividades que podem ser feitas sem ser necessário dinheiro. Riddick e Stewart (1994, cit in Furhamn, 2000) realizaram um estudo onde descobriram que o rendimento não está relacionado com o lazer.

As relações sociais também representam um bom predictor de BES. O dinheiro pode influenciar as relações de amizade e o casamento. Pessoas de classe média permanecem casadas mais tempo, do que as de classe pobre, pois têm menos problemas financeiros, o que se reflecte em menos problemas no casal. O dinheiro não compra qualquer laço afectivo, mas torna mais fácil o estabelecimento e manutenção.

A saúde está correlacionada com a satisfação com a vida. O dinheiro pode influenciar directamente a saúde. Num estudo realizado na Grã-Bretanha em 1972, pessoas que nasciam na classe rica tinham uma esperança de vida de 7 anos superior aos que nasciam na classe pobre. As principais razões prendem-se com o estilo de vida e com a facilidade de recorrerem a melhores cuidados médicos, entre outros. A personalidade é apontada como sendo um predictor da satisfação com a vida, dependendo mais do estilo de vida e do estilo adoptado pelos pais para educarem os seus filhos do que com o dinheiro.

4. OBJECTIVOS E PERTINÊNCIA DO ESTUDO

O processo de envelhecer é uma questão multidimensional. Uma das dimensões relevantes é o género, que contempla diferenças biológicas entre homens e mulheres e, também, a construção dos papéis sociais. Permite compreender as diferentes necessidades sociais e de saúde entre homens e mulheres, tendo em conta como ambos vivem e envelhecem (DGS, 2006). Nem todos envelhecem da mesma forma e é diferente envelhecer no feminino ou no masculino, sozinho ou em família, no meio rural ou no meio urbano (Rebelo e Penalva, 2004).

O ritmo do envelhecimento é muito veloz nos países desenvolvidos, segundo Kofi Annan (ONU, 2002) encontram-se numa revolução silenciosa, que ultrapassa as questões meramente demográficas, mas têm repercussões a nível económico, social, cultural, psicológico e espiritual. A sociedade portuguesa não é uma excepção e tem vindo a envelhecer de forma acentuada mas apresenta algumas dificuldades: uma em cada duas pessoas com mais de 85 anos vive sozinha e isolada e as situações de risco centram-se nas mulheres porque acumulam desvantagens ao longo da vida, em particular nos idosos de idades mais avançadas que vivem sós (Rebelo e Penalva, 2004). Apesar da população idosa ser maioritariamente casada (59,4%), as famílias unipessoais de idosos tem aumentado, principalmente as compostas por mulheres (INE, 2000).

Nesta perspectiva o envelhecimento activo torna-se numa das principais preocupações das sociedades e está altamente correlacionado com a satisfação com a vida. Estes factores são influenciados por diversas variáveis: cultura e género, saúde, comportamentos, factores pessoais, o ambiente físico, variáveis sociais e incluindo variáveis económicas, bem como as atitudes e os comportamentos em relação ao dinheiro (ética e comportamentos monetários).

Durante o envelhecimento os bens pessoais detêm um papel fundamental para a construção da integridade e preservação da identidade da pessoa idosa. Estes bens têm valor simbólico, activam recordações e constituem símbolos de narrativas nucleares na vida do indivíduo idoso. Observa-se na literatura um emergente interesse pelo tema e a relação com os bens materiais.

O principal objectivo deste estudo é compreender como a satisfação com a vida em famílias unipessoais, compostas por homens e mulheres idosos, de classe média, se relaciona com os comportamentos e ética monetária.

Pretende-se ainda: i) caracterizar a satisfação com a vida, comparando homens e mulheres idosos; ii) caracterizar os comportamentos e ética monetária, comparando homens e mulheres idosos; iii) relacionar satisfação com a vida com comportamentos e ética monetária, comparando homens e mulheres idosos; iv) perceber a influência de variáveis sócio - demográficas (idade, estado civil, habilitações académicas, local de residência, número de

filhos e percepção do rendimento mensal); v) compreender a influência dos indicadores de isolamento (tamanho da rede social pessoal, probabilidade de depressão e percepção de solidão) e da incapacidade funcional.

Este estudo poderá ter implicações conceptuais na definição da satisfação com a vida e nas construções sociais do seu significado e, conseqüentemente, nas políticas em torno das condições de bem-estar e da promoção da qualidade de vida. O estudo da relação do comportamentos e ética monetária com satisfação com a vida, poderá contribuir para a clarificação das dimensões associadas ao bem-estar psicológico e qualidade de vida (Ryff, 1995), atendendo a que um dos aspectos mais salientes no bem-estar subjectivo do idoso/a é o controlo sobre o seu ambiente de vida (Ryff, 1995).

5. METODOLOGIA

A metodologia é o grupo de métodos e técnicas que orientam a realização do processo de investigação (Fortin, 1999). Assim, em função do problema que se pretende investigar e das circunstâncias do estudo, a pesquisa enquadra-se no domínio da investigação quantitativa, de características descritivas e correlacionais. Este estudo foi submetido ao conselho de ética do Hospital Infante D. Pedro, E.P.E., tendo sido aprovado.

5.1. INSTRUMENTOS

Neste estudo foi utilizado um questionário, dividido em duas partes, que segundo Fortin (1999) é um dos métodos de recolha de dados que necessitam das respostas escritas a um conjunto de questões por parte dos sujeitos. Tem como vantagens: ser menos dispendioso do que a entrevista, requer menos habilidades em quem o aplica, pode ser utilizado em grande número de pessoas, em locais diferentes, a natureza impessoal do questionário, facilitar as comparações entre os sujeitos.

A primeira parte do questionário envolve uma pré-avaliação, que pretende averiguar se os idosos cumprem os critérios de inclusão. Este questionário deve ser preenchido pelo profissional que identificou o idoso e compreende três partes: i) dados do profissional que identificou o idoso, designadamente idade, tempo de experiência profissional, profissão e local de trabalho; ii) escala para identificação da classe social, Índice de Graffar; iii) Índice de Barthel (estado funcional). (Anexo – 1)

O Índice de Graffar é uma classificação internacional estabelecida em Bruxelas, Bélgica pelo Professor Graffar. Baseia-se no estudo, não apenas de uma característica social da família, mas num conjunto de cinco critérios: profissão, nível de instrução, fontes de rendimento familiar, conforto do alojamento e aspecto do bairro onde habita. A cada família observada é atribuída uma pontuação para cada um dos cinco critérios e, pela sua soma, obtém-se o escalão que a família ocupa na sociedade: classe I, alta, 5 a 9 pontos; classe II, média-alta, 10 a 13 pontos; classe III, média, 14 a 17 pontos; classe VI, média-baixa, 18 a 21 pontos; classe V, baixa, 22 a 25 pontos.

O Índice de Barthel avalia a capacidade funcional básica do idoso para realizar as actividades de vida diária. Foi construída em 1955 por Mahoney e Barthel para avaliar a capacidade funcional e a evolução dos doentes nos programas de reabilitação, mas a primeira publicação científica da escala foi em 1958. Esta escala atribui para cada tipo de actividade um valor de 0,

5, 10 ou 15, sendo que a soma global varia entre 0 (totalmente dependente) e os 100 (totalmente independente). Inclui as seguintes actividades de vida diária: alimentar-se, tomar banho, vestir-se, higiene pessoal, controlo de esfíncteres (vesical e intestinal), uso de sanita, transferências, mobilidade e subir e descer escadas. Apresenta elevados níveis de fiabilidade e validade (o alfa de Cronbach varia entre 0,86 e 0,92 na versão original) e é um instrumento que deve ser utilizado para avaliar a incapacidade física em investigação e na prática clínica (Ruzafa e Moreno, 1997).

A segunda parte do questionário, foi administrado preferencialmente por entrevista (pela autora), pois a população do estudo é idosa e apresenta, por vezes, alterações sensitivas como por exemplo diminuição da acuidade visual e uma larga percentagem é analfabeta. O questionário foi aplicado por auto-preenchimento, apenas quando solicitado pelo inquirido, pois este tipo de preenchimento não produz resultados diferentes em amostras da mesma população que responderam na presença do investigador (Ribeiro, 1999).

Este questionário apenas foi preenchido, mediante o consentimento livre e esclarecido dos participantes que continha as seguintes informações: razão do estudo, problemática e objectivos, numa linguagem comum e concisa; duração do estudo, locais da realização do estudo; critérios de selecção da amostra; vantagens em participar no estudo; potenciais riscos ou desconfortos na realização do estudo e garantia a confidencialidade e autodeterminação (Fortin, 1999).

Esta parte do questionário é formada por várias questões e por escalas: i) dados socioeconómicos, nomeadamente o sexo, idade, escolaridade, profissão anterior à reforma, local de residência e número de filhos; ii) satisfação com a vida, através da escala de satisfação com a vida; iii) indicadores de solidão, designadamente tamanho da rede social, tendência para depressão (Escala Geriátrica de Depressão) e auto-avaliação de sentimentos de solidão; iv) Escala de Ética Monetária; v) Escala de Comportamentos Monetários. (Anexo – 2)

A Escala de Satisfação com a Vida (SLWS) foi concebida por Diener (1985). Inicialmente era constituída por 45 itens, que posteriormente foram reduzidos para 5 itens, mantendo os índices de fidelidade e de validade. Pavot e Diener (1993) descrevem uma boa consistência interna (alfa de Cronbach de 0,87) e boa estabilidade temporal num período de 2 meses (0,82). A análise factorial revelou um único factor que explica 66% da variância total. Trata-se de uma escala tipo Likert de 7 pontos, em que valores superiores indicam maior satisfação com a vida.

Em Portugal, esta escala foi inicialmente validada por Neto (1990, cit in Simões, 1992), tendo sido encontrado um alfa de Cronbach de 0,78 e a análise factorial demonstrou também um único factor (Simões, 1992). Simões (1992) pretendeu estender a validação do instrumento para outras populações e reduziu a escala de Likert para 5 pontos e encontrou um alfa de Cronbach de 0,77. A análise factorial demonstrou igualmente um único factor. Os índices de

validade revelaram ser mais elevados do que Neto (1990, cit in Simões 1992), aproximando-se mais dos valores encontrados na validação original da escala (Simões, 1992).

A análise dos indicadores de solidão compreende: i) o isolamento social questionando os participantes sobre o número de elementos da sua rede social; ii) indicadores de depressão, através da Escala Geriátrica de Depressão, de 4 itens adaptada para Portugal por Sousa e Figueiredo (2003), em que pontuação superior é indicadora de mais tendência depressiva; iii) auto-avaliação de solidão (percepção do inquirido), com uma questão de resposta tipo Likert de 5 pontos (1- quase nunca me sinto isolado e sozinho a 5- sinto-me quase sempre isolado e sozinho).

Para avaliar as atitudes monetárias foi utilizada a Escala de Ética Monetária Versão Reduzida (versão original Tang, 1995) e para analisar os comportamentos face ao dinheiro foi utilizada a Escala de Comportamento Monetários (versão original, Furnham, 1984). Ambas as escalas foram validadas para Portugal por Patrão e Sousa (2008), que encontraram um alfa de Cronbach de 0,63 para a Escala de Ética Monetária e de 0,71 para a Escala de Comportamentos Monetários, sendo que a composição factorial é diferente das escalas originais.

A Escala de Ética Monetária foi elaborada em 1992 para estudar os significados associados ao dinheiro por trabalhadores a tempo inteiro nos Estados Unidos da América. Apresentava 50 itens e foi aplicada a 769 sujeitos, tendo sido reduzida posteriormente para 30 itens, de onde se extraíram 6 factores agrupados em 3 categorias: afectiva (bom e perverso), cognitiva (realização pessoal, respeito e liberdade) e comportamental (orçamento). Em 1995, Tang reorganizou a sua escala e reduziu-a para 12 itens (aqueles com correlação mais elevadas), tendo seleccionado 2 itens de cada factor. Nesta versão foram identificados 3 factores: sucesso, orçamento e perverso. O autor pretendia que fosse mais fácil de usar e mais prática para a investigação. Apresenta boa fiabilidade e validade (alfa de Cronbach 0,70) na versão original (Tang, 1995).

A Escala de Comportamentos Monetários (Furnham, 1984) foi construída para analisar as relações entre as crenças demográficas e sócias e crenças e comportamentos monetários, pretendeu também analisar as crenças monetárias das pessoas com o passado e com as expectativas de futuro. Esta escala apresenta 6 factores: obsessão, poder/gasto; retenção; segurança; inadequado; esforço/competência. Apresenta um alfa de Cronbach de 0,84 (Furnham, 1998). Neste estudo, os itens que foram retirados da Escala de Comportamentos Monetários estão relacionados com os comportamentos, sendo: 2 itens acerca da poupança, 2 itens relativos à ansiedade/preocupação com o dinheiro e 2 itens relacionados com a generosidade.

Antes da aplicação deste questionário, foi realizado um pré-teste que consistiu no preenchimento do questionário por uma pequena amostra de 6 idosos, que reflecta a diversidade da população, para verificar se as questões estão bem elaboradas (Fortin, 1999).

Esta fase é importante porque permite corrigir e modificar o questionário e resolver problemas imprevistos e verificar a ordem das questões. O pré-teste foi aplicado a 6 idosas a rede social da autora, as maiores dificuldades encontradas foram o tempo de preenchimento que variou entre 30 minutos e 70 minutos; a escala de Likert, que suscitou algumas dúvidas e a quantificação da rede social. Para colmatar estas lacunas foi criada uma régua com a escala de Likert e a analogia a faces alegres e triste e foi pedido aos inquiridos para apontar para o que melhor representasse a sua resposta.

5.2. AMOSTRA

A amostragem é um procedimento onde um grupo de pessoas ou um subgrupo da população é seleccionado para se obter informações relacionadas com um fenómeno de maneira a que a população esteja representada (Fortin, 1999). As amostras bem seleccionadas fornecem boas estimativas da população, porque controlam certos tipos de erros. Este estudo incide em idosos que moram sozinhos (agregados unipessoais) e que pertencem à classe média. Foi utilizada a amostra não probabilística, um procedimento no qual cada elemento da população não tem uma probabilidade igual de ser escolhido para formar a amostra (Fortin, 1999). Foram utilizados dois tipos de amostra não probabilística:

- Amostra accidental, formada por sujeitos facilmente acessíveis, que estão presentes num local determinado (Fortin, 1999). Neste estudo foram seleccionadas pessoas idosas que internadas no serviço de Medicina 1 e no Serviço Social, do Hospital Infante D. Pedro, E.P.E. Este local foi escolhido intencionalmente por ser local de trabalho da autora e foi também escolhida a Santa Casa da Misericórdia, por ser uma instituição com a qual a Universidade de Aveiro costuma colaborar.
- Amostra por conveniência, os elementos é escolhida por conveniência ou por facilidade. Neste caso, foi utilizada a rede de contactos da autora em Sever do Vouga, Aveiro, Santa Maria da Feira.

O tamanho da amostra determina a fidelidade das estimativas relativas à população, a técnica de amostragem e os respectivos custos (Fortin, 1999). Segundo Ribeiro (1999: 57) “não há um número mágico de participantes que possa ser considerado o número óptimo; também não se pode dizer a percentagem da população que dever ser utilizada”. Tendo em conta os aspectos referidos e as variáveis que condicionam o estudo, foi definida como amostra 32 idosos que morem sozinhos de classe média, sendo 16 mulheres e 16 homens.

Para esta amostra foram definidos critérios de inclusão e exclusão. Os de inclusão são: idade superior a 64 anos e morar sozinho, apresentar discurso coerente, apresentar-se orientado no tempo e no espaço, auto e halo psiquicamente, ser autónomo, que pressupõe apresentar capacidade para controlar, lidar com situações e tomar decisões sobre a vida diária, de acordo

com as próprias regras e preferências e pertencer a classe média. Os critérios de exclusão são: défice cognitivo, debilidade intelectual com perda evidente da crítica e capacidade de julgamento e capacidade de aprendizagem e debilidade motora, alteração da comunicação nomeadamente a afasia de expressão e compreensão e os atrasos significativos da linguagem, patologias associadas que alterem a capacidade cognitiva (como por exemplo: Síndrome de Down, Doença de Alzheimer, Doença de Parkinson e doenças do foro psiquiátrico).

5.3. PROCEDIMENTO DA RECOLHA DE DADOS

Foram aplicados 15 questionários através da entrevista e 1 questionário por auto-preenchimento. As entrevistas decorreram nas residências dos idosos ou em instituições, sempre em locais que permitiam respeitar a privacidade dos respondentes. Estas entrevistas foram realizadas entre os meses de Outubro e Novembro de 2007. A duração das entrevistas variou entre 60 e 90 minutos. Os idosos, especialmente os que vivem sós, necessitam de contar as suas histórias de vida e de contacto social, tornando as entrevistas mais morosas.

5.4. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Os idosos tendem a ser viúvos (90,6%). Apenas 3,1% e 9,4% dos idosos são divorciados e solteiros respectivamente. A maioria dos idosos moram em meio rural (65,4%), entre os homens 61,9% vive no meio rural e entre as mulheres 38,1% vivem em meio rural. Os idosos que moram em meio urbano representam 34,4%, sendo na sua maioria mulheres (72,2%) (quadro 1). As profissões do escalão 4 do índice de Graffar apresentam a maior representatividade (71,9%), seguidamente do escalão 5 (21,9%) e do escalão 3 (6,3%). O nível de escolaridade dos idosos é predominantemente o 1º ciclo do Ensino Básico (78,1%), seguindo-se o 2º Ciclo do Ensino Básico (18,8%) e os que não frequentaram o sistema de ensino formal (3,9%). A média de idades é de 76, 44 anos, sendo similar entre homens e mulheres. A média de filhos é de 2,8, sendo nas mulheres 2,9 e nos homens 1,9. Todos são independentes variando entre os 85 e 100 no Índice de Barthel, sendo a média 97,34 com um desvio padrão de 4,92. Os idosos referem numa escala de Likert sentir-se “ algumas vezes” ou “poucas vezes” isolados ou sozinhos (2,5). Apresentam uma rede social composta em média por 21,5 pessoas. Relativamente ao indicador da escala geriátrica de depressão, as respostas situam-se 1,25 revelando que os idosos sentem-se de maneira geral pouco deprimidos. Em relação ao seu rendimento financeiro, a maioria das respostas situa-se entre o “é mesmo à justa” e o “sobra algum” (1,50).

Quadro 1 - Caracterização da amostra

N	F (%)	M (%)	Total (%)
Estado Civil	16	16	32
Divorciado	0	6,3	3,1
Solteiro	6,3	6,3	6,3
Viúvo	93,8	87,5	90,6
Residência			
Rural	50	81,3	65,6
Urbana	50	18,8	34,4
Profissão			
Escalão 3	0	12,5	6,3
Escalão 4	56,3	87,5	71,9
Escalão 5	43,8	0	21,9
Escolaridade			
Não frequentou	0	6,3	3,1
1º Ciclo de ensino básico	68,8	87,5	78,1
2º Ciclo do ensino básico	31,3	6,3	18,1

	F (Média)	Desvio padrão	M (Média)	Desvio Padrão	Total (Média)	Desvio Padrão
Índice de Graffar	16,56	0,629	15,88	1,025	16,22	0,906
Índice de Barthel	96,56	4,425	98,13	1,025	97,34	4,916
Idade ¹	76,75	7,594	76,13	7,238	76,44	7,304
Nº de filhos ²	2,88	1,928	2,63	2,895	2,75	2,423
Rendimento ³	2,13	0,719	1,5	0,816	1,81	0,816
Rede ⁴	19	14,306	21,5	10,752	20,25	10,752
Depressão ⁵	1,25	1,592	2	0,931	1,63	0,931
Isolamento ⁶	2,5	1,455	2,88	1,211	2,69	1,211

¹As médias etárias das mulheres/homens não são estatisticamente diferentes: $t=0,238$, $p=0,05$

²A média do nº de filhos entre mulheres/homens não é estatisticamente diferente: $t=0,287$, $p=0,05$

³A média do rendimento entre mulheres/homens não é estatisticamente diferente: $t=-2,298$, $p=0,05$

⁴A média da rede social de mulheres/homens não é estatisticamente diferente: $t=0,559$, $p=0,05$

⁵A média da depressão das mulheres/homens não é estatisticamente diferente: $t=-1,627$, $p=0,05$

⁶A média do isolamento das mulheres/homens não é estatisticamente diferente: $t=-0,792$, $p=0,05$

5.5. ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados baseia-se na análise descritiva, correlacional e classificatória. Foi utilizado o programa SPSS 15.

6. QUALIDADES PSICOMÉTRICAS DAS ESCALAS

Escala de Ética Monetária

A análise em componentes principais é uma técnica exploratória, que permite definir grupos de variáveis correlacionadas. É um dos métodos de análise multidimensional mais simples, pois não tem grandes pressupostos estatísticos e espera-se somente que as variáveis originais sejam correlacionadas (quanto mais correlacionadas, melhor é o resultado da análise). Nesta escala os itens estão moderadamente ou fortemente correlacionadas, os valores variam entre - 0,123 e 0,817. As variáveis do factor sucesso (quadro 3) encontram-se moderadamente correlacionadas variando entre 0,519 e 0,613. O factor gestão representado pelas variáveis 9 e 10 encontram-se também moderadamente correlacionadas (0,542). Os 12 itens (quadro 3) foram submetidos a ACP e extraíram-se 3 factores (componentes principais) que explicam 65,4 % da variância (quadro 2).

Quadro 2 - Factores, valores próprios e variâncias

Factores	Valores próprios	% Variância total	Valores Próprios acumulados	% Variância total acumulada
1	4,309	24,651	2,958	35,909
2	1,983	21,251	2,55	52,435
3	1,557	19,505	2,341	65,408

O primeiro factor explica mais variância (24,65%), os restantes factores explicam 21,25% e 19,50% respectivamente. Procedeu-se ao cálculo das contribuições de cada variável para cada factor com rotação varimax, tal como sugerido pelos autores que construíram a escala (quadro 3).

A organização factorial emergente para a amostra deste estudo é diferente da original (quadro 4), o que levou a um novo agrupamento e também é diferente da escala validada em Portugal (Patrão e Sousa, 2008): factor 1 chamou-se “sucesso”, pois compreende as variáveis relativas ao valor que cada pessoa dá ao dinheiro; factor 2 denominou-se “gestão do orçamento”, que é diferente da versão original pois inclui a realização pessoal que o dinheiro proporciona e a forma como as pessoas gerem o dinheiro; factor 3 designou-se “perversidade”, que inclui as variáveis que atribuem um valor negativo ao dinheiro e a importância que este tem na vida das pessoas.

Quadro 3 - Contribuições das variáveis para cada factor

	Factor 1 Sucesso	Factor 2 Gestão do orçamento	Factor 3 Perverso
1. O dinheiro é um símbolo de sucesso.	0,692	0,122	0,09
2. Ter dinheiro ajuda a pessoa a exprimir as suas capacidades.	0,787	0,006	0,346
3. O dinheiro representa a realização pessoal de cada um.	0,858	0,019	0,109
4. Dou muito valor ao dinheiro.	0,537	0,08	0,598
5. Ter dinheiro contribui para se ser respeitado na comunidade.	0,67	0,414	0,165
6. O dinheiro dá-nos oportunidade de sermos quem quisermos.	0,275	0,821	-0,069
7. Ter dinheiro proporciona que as pessoas sejam livres e autónomas.	0,086	0,805	-0,088
8. O dinheiro é importante para a vida das pessoas.	0,237	0,316	0,559
9. Administro muito bem o meu dinheiro.	0,127	0,538	0,3
10. Utilizo o meu dinheiro com muita cautela.	-0,343	0,655	0,377
11. O dinheiro é a raiz de todo o mal.	0,018	0,048	0,861
12. O dinheiro é pernicioso.	0,336	-0,065	0,852

Estas diferenças podem ser explicadas por diferenças culturais entre Portugal e os Estados Unidos da América. A América é uma sociedade capitalista, onde o dinheiro é encarado como um factor de sucesso. Em Portugal dar valor ao dinheiro é visto como algo perverso. Além disso, a população do nosso estudo são pessoas idosas, criadas e educadas antes do 25 de Abril, numa sociedade com muitas restrições e religiosa (a ambição como um pecado). Na sociedade portuguesa a oportunidade que o dinheiro dá para ser-se *quem quiser*, está relacionada com a gestão do orçamento; isto pode estar relacionado com a população do estudo ser da classe média que interpreta o dinheiro como uma fonte de oportunidades, mas para isso é necessário saber gerir o dinheiro.

Quadro 4 - Diferenças entre a Escala Original e a Escala do Estudo

	Escala Original		Validação Portugal		Escala do Estudo	
	Factor	α	Factor	α	Factor	α
1. O dinheiro é um símbolo de sucesso.	Sucesso	0,71	Sucesso	0,75	Sucesso	0,69
2. Ter dinheiro ajuda a pessoa a exprimir as suas capacidades.	Sucesso	0,64	Sucesso	0,75	Sucesso	0,79
3. O dinheiro representa a realização pessoal de cada um.	Sucesso	0,64	Sucesso	0,75	Sucesso	0,86
4. Dou muito valor ao dinheiro.	Sucesso	0,6	Sucesso	0,75	Perverso	0,6
5. Ter dinheiro contribui para se ser respeitado na comunidade.	Sucesso	0,61	Orçamento	0,62	Sucesso	0,67
6. O dinheiro dá-nos oportunidade de sermos quem quisermos.	Sucesso	0,59	Orçamento	0,62	Orçamento	0,82
7. Ter dinheiro proporciona que as pessoas sejam livres e autónomas.	Sucesso	0,59	Orçamento	0,62	Orçamento	0,81
8. O dinheiro é importante para a vida das pessoas.	Sucesso	0,49	Sucesso	0,75	Perverso	0,6
9. Administro muito bem o meu dinheiro.	Orçamento	0,92	Sucesso	0,75	Orçamento	0,5
10. Utilizo o meu dinheiro com cautela.	Orçamento	0,92	Perverso	0,74	Orçamento	0,66
11. O dinheiro é a raiz de todo o mal.	Perverso	0,84	Perverso	0,74	Perverso	0,86
12. O dinheiro é pernicioso.	Perverso	0,84	Perverso	0,74	Perverso	0,85
Valor total da escala		0,82		0,63		0,83

Por fim, estudou-se a consistência interna da análise, foram calculados os α 's de Cronbach (Quadro IV). Estes apresentaram valores muito satisfatórios, o valor para a escala global é bastante bom (0,826).

Quadro 5 - Consistência interna

Variável	α 's de Cronbach
Factor 1 - Sucesso	0,809
1. O dinheiro é um símbolo de sucesso.	0,813
2. Ter dinheiro ajuda a pessoa a exprimir as suas capacidades.	0,798
3. O dinheiro representa a realização pessoal de cada um.	0,809
5. Ter dinheiro contribui para se ser respeitado na comunidade.	0,801
Factor 2 - Orçamento e Realização	0,703
6. O dinheiro dá-nos oportunidade de sermos quem quisermos.	0,817
7. Ter dinheiro proporciona que as pessoas sejam livres e autónomas.	0,831
9. Administro muito bem o meu dinheiro.	0,820
10. Utilizo o meu dinheiro com muita cautela.	0,830
Factor 3 - Perversidade e Valor do Dinheiro	0,799
4. Dou muito valor ao dinheiro.	0,798
8. O dinheiro é importante para a vida das pessoas.	0,812
11. O dinheiro é a raiz de todo o mal.	0,817
12. O dinheiro é pernicioso.	0,802
Escala total	0,826

Escala de Comportamentos Monetários

Procedeu à mesma análise de ACP, da Escala de Ética Monetária. Nesta escala, as variáveis apresentam-se correlacionados entre fraca e fortemente, os valores variam entre -0,244 e 0,815. Os 6 itens foram submetidos a ACP e extraíram-se 3 factores (componentes principais) que explicam 75,5 % da variância (quadro 6).

Quadro 6 - Factores, Valores Próprios e Variâncias

Factores	Valores próprios	% Variância total	Valores Próprios acumulados	% Variância total acumulada
1	2,444	40,732	1,850	40,732
2	1,191	19,844	1,451	60,577
3	0,895	14,844	1,229	75,501

O primeiro factor explica mais variância (40,73%), os restantes factores explicam 19,84% e 14,84%, respectivamente. Procedeu-se ao cálculo das contribuições de cada variável para cada factor com rotação varimax, tal como sugerido pelos autores da escala original (quadro 7).

Quadro 7 - Contribuições das variáveis para cada factor

	Factor 1 Poupança	Factor 2 Ansiedade	Factor 3 Não generosidade
13. Orgulho-me da minha capacidade para poupar dinheiro.	0,921	0,156	0,045
14. Prefiro poupar dinheiro porque nunca sei quando virei a precisar dele mais tarde.	0,446	0,274	0,534
15. Acho que penso mais sobre dinheiro do que a maior parte das pessoas que conheço.	0,236	0,929	0,023
16. Preocupo-me com a minha situação financeira a maior parte do tempo.	0,056	0,939	0,175
17. Prefiro não emprestar dinheiro.	-0,177	0,044	0,88
18. Costumo contribuir para instituições de caridade.	-0,304	-0,065	-0,599

A organização factorial é diferente da original e da validação da escala em Portugal, o que levou a um novo agrupamento (quadro 8): factor 1 chamou-se “poupança” e apresenta apenas um item (orgulho-me da minha capacidade para poupar dinheiro); factor 2 denominou-se “ansiedade”, que é igual a versão original e inclui as variáveis relacionadas com o sentimento de ansiedade provocado pelo dinheiro; factor 3 designou-se “ não generosidade”, que inclui as

variáveis que atribuem que representam a não generosidade das pessoas e inclui mais uma variável que a escala original.

Esta diferença entre a escala original e a escala de estudo pode ser explicada pelas diferenças culturais entre os Estados Unidos da América e Portugal. Na sociedade portuguesa o poupar o dinheiro porque pode ser preciso mais tarde é encarado como não generosidade, pois culturalmente as pessoas devem ajudar as que mais precisam. A diferença entre a validação da escala em Portugal por Patrão e Sousa (2008) pode ser explicada pelo tamanho da amostra deste estudo ser inferior.

Quadro 8 - Diferenças entre a Escala Original e a Escala do Estudo

	Escala Original		Validação Portugal		Escala do estudo	
	<i>Factor</i>	α	<i>Factor</i>	α	<i>Factor</i>	α
13. Orgulho-me da minha capacidade para poupar dinheiro	Poupança	$\geq 0,60$	Poupança	0,55	Poupança	0,92
14. Prefiro poupar dinheiro porque nunca sei quando virei a precisar dele mais tarde.	Poupança	$\geq 0,60$	Ansiedade	0,86	Não generosidade	0,53
15. Acho que penso mais sobre dinheiro do que a maior parte das pessoas que conheço.	Ansiedade	$\geq 0,60$	Ansiedade	0,86	Ansiedade	0,93
16. Preocupo-me com a minha situação financeira a maior parte do tempo	Ansiedade	$\geq 0,60$	Ansiedade	0,86	Ansiedade	0,94
17. Prefiro não emprestar dinheiro.	Não generosidade	$\geq 0,60$	Poupança	0,55	Não generosidade	0,88
18. Costumo contribuir para instituições de caridade	Não generosidade	$\geq 0,60$	Não generosidade	0,75	Não generosidade	- 0,60
Valor total da escala		$\geq 0,60$		0,71		0,40

Por fim, estudou-se a consistência interna da análise, foram calculados os α 's de Cronbach (Quadro 9). Estes apresentaram valores muito satisfatórios, o valor do α para a escala global é moderadamente satisfatório (0,398).

Quadro 9 - Consistência interna

Variável	α Cronbach
Factor 1 - Poupança	0,334
13. Orgulho-me da minha capacidade para poupar dinheiro.	0,334
Factor 2 - Ansiedade	0,898
15. Acho que penso mais sobre dinheiro do que a maior parte das pessoas que conheço.	0,088
16. Preocupo-me com a minha situação financeira a maior parte do tempo.	0,129
Factor 3 - Não Generosidade	0,512
14. Prefiro poupar dinheiro porque nunca sei quando virei a precisar dele mais tarde.	0,225
17. Prefiro não emprestar dinheiro.	0,431
18. Costumo contribuir para instituições de caridade.	0,666
Escala global	0,398

7. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Procede-se, agora à apresentação e análise estatística dos dados, considerando os objectivos da investigação.

Satisfação com a vida, ética e comportamentos monetários: homens versus mulheres

Para caracterizar a satisfação com a vida calcularam-se as médias (quadro 10). O valor obtido para a amostra total (3,25) indica que os inquiridos se encontram entre o “nem concordo, nem discordo” e o “concordo um pouco”, revelando uma moderada satisfação com a vida. Homens e mulheres apresentam médias similares à amostra global e sem diferenças estatisticamente significativas entre si ($t=0,643$, $p=0,525$). No entanto, os homens apresentam uma média ligeiramente superior (3,66) às mulheres (3,14), revelando uma satisfação com a vida ligeiramente superior.

Relativamente à ética monetária (quadro 10), os inquiridos apresentam uma média global de 3,26, indicando que o dinheiro tem um significado moderado nas suas vidas. Ainda na amostra global, o factor com média superior é “orçamento e gestão” (3,65), seguido de “perversidade” (3,38) e de “sucesso” (2,90). Ou seja, para os idosos a ética monetária relaciona-se principalmente com a gestão do orçamento e menos com o sucesso. Na escala global, homens (3,1) e mulheres (3,42) apresentam valores estatisticamente similares (quadro 10). No factor orçamento e gestão, os inquiridos de ambos os sexos também apresentam valores similares, embora nas mulheres o valor seja ligeiramente superior. Nos restantes factores observam-se diferenças estatísticas:

- a) No factor “sucesso” os homens apresentam uma média superior, indicando que valorizam mais a ideia de sucesso ao nível da ética monetária.
- b) No factor “perversidade” as mulheres apresentam uma média superior, indicando que associam mais o dinheiro a perversidade.

Assim, emerge uma diferença de género: as mulheres associam o dinheiro a perversidade e os homens mais a sucesso. Contudo, para ambos a ética monetária está principalmente associada à gestão do orçamento.

Quanto à escala de comportamentos monetários (quadro 10), os idosos apresentam uma média global de 3,42. A média superior ocorre no factor “poupança” (4,5), seguido da “não generosidade” (3,52) e de “ansiedade” (2,78). Tal indica que para os idosos os

comportamentos monetários se relacionam principalmente com a poupança e menos com a ansiedade ou preocupação perante o dinheiro. Na escala global, homens (3,51) e mulheres (3,6) apresentam valores similares (quadro 10). Não existem diferenças significativas entre os sexos em todos os factores, embora nas mulheres os valores sejam ligeiramente superiores. Assim, para homens e mulheres os comportamentos monetários estão associados principalmente à poupança.

Quadro 10 - Satisfação com a vida, ética e comportamentos monetários (homens e mulheres)

	Homens		Mulheres		Total			
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	p	t
Satisfação com a Vida^{total}	3,14	0,794	3,36	1,152	3,25	0,98	0,525	0,643
Ética Monetária^{total}	3,1	0,724	3,42	0,529	3,26	0,644	0,167	-1,418
Sucesso	3,27	0,826	2,53	0,901	2,90	0,929	0,023	-2,403
Orçamento e Gestão	3,47	0,705	3,83	0,657	3,65	0,695	0,146	1,491
Perversidade	3,16	0,524	3,61	0,499	3,38	0,554	0,018	2,505
Comportamento Monetários^{total}	3,42	0,175	3,6	0,136	3,51	0,624	0,25	-0,814
Poupança	4,5	0,221	4,13	0,158	4,31	0,78	0,178	-1,379
Ansiedade	2,78	0,253	2,66	0,228	2,72	0,95	0,716	-0,367
Não generosidade	3,52	0,204	3,48	0,215	3,50	0,825	0,889	-0,141

Relações entre satisfação com a vida, ética e comportamentos monetários: homens e mulheres

A escala de satisfação com a vida apresenta correlações fracas e nunca significativas com a escala de ética monetária ($r=-0,055$; $p=0,766$) e com a escala de comportamentos monetários ($r=0,100$; $p=0,585$). Essas correlações em homens e mulheres também nunca são significativas (quadro 2). Contudo, a correlação entre a satisfação com a vida e os comportamentos monetários nos homens é de 0,33, um valor já moderado; essa correlação nas mulheres é de 0,1. Assim, parece que a satisfação com a vida nos homens se tende a associar mais aos comportamentos monetários.

Considerando os factores da escala de ética monetária verifica-se que as correlações mais elevadas (e positivas) com a satisfação com a vida, em homens, mulheres e no total, ocorrem com o factor perversidade. Ou seja, emerge uma tendência que indica que quanto maior a satisfação com a vida, maior é a crença de que o dinheiro é perverso. Nos homens o factor sucesso também apresenta uma correlação menos baixa com a satisfação com a vida ($r=0,276$, $p=0,300$), indiciando que quanto mais a ética monetária se associa ao sucesso maior é a satisfação com a vida.

Vejamos, agora, os factores da escala de comportamentos monetários. Para homens, mulheres e amostra global o factor poupança é o que apresenta correlações mais elevadas (embora moderadas) com a satisfação com a vida. Desta forma, a satisfação com a vida tende a aumentar quando se assumem comportamentos de poupança, principalmente para os homens (correlação mais elevada). No caso dos homens a correlação da satisfação com a vida com o factor ansiedade apresenta um valor moderado ($r=0,34$, $p=0,198$).

Quadro 11 - Satisfação com a vida, ética e comportamentos monetários: homens e mulheres

	Satisfação com a Vida ^{total}					
	Homens		Mulheres		Total	
	Coef. de Pearson	sig. (tailed 2)	Coef. de Pearson	sig. (tailed 2)	Coef. de Pearson	sig. (tailed 2)
Ética Monetária^{total}	0,063	0,816	0,114	0,673	-0,055	0,766
Sucesso	0,276	0,3	0,001	0,997	0,05	0,785
Orçamento e Gestão	0,071	0,794	-0,13	0,63	0,011	0,951
Perversidade	0,435	0,092	0,111	0,683	0,267	0,14
Comportamento Monetários^{total}	0,33	0,212	0,1	0,586	0,1	0,585
Poupança	0,425	0,101	0,224	0,219	0,224	0,219
Ansiedade	0,34	0,198	0,085	0,644	0,085	0,644
Não generosidade	-0,032	0,906	-0,082	0,654	-0,082	0,654

As escalas de ética e comportamentos monetários apresentam uma correlação forte, positiva e significativa no global ($r=0,601$), assim como nos homens ($r=0,558$) e nas mulheres ($r=0,644$) (quadro 12).

A escala de ética monetária correlaciona-se de forma positiva e significativa principalmente com o factor ansiedade ($r=0,718$) da escala de comportamentos monetários. A escala de comportamento monetário correlaciona-se de modo positivo e significativo principalmente com o factor orçamento ($r=0,643$) da escala de ética monetária.

Na escala de ética monetária global, o factor com correlação mais elevada e significativo é o sucesso ($r=0,833$), seguido da ansiedade ($r=0,718$) e do orçamento e gestão ($0,590$); depois emergem as correlações com os factores da escala de comportamentos monetários: significativa com factor poupança ($r=0,371$); e não significativa com os factores não generosidade ($r=0,185$) e perversidade ($r=-0,092$, $p=0,618$). As correlações considerando homens e mulheres tendem a ser muito próximas, ambos apresentam: i) correlações fortes e significativas com os factores sucesso, ansiedade e orçamento e gestão, sendo os valores ligeiramente superiores nos homens nos factores sucesso e orçamento e gestão; ii) correlação fraca e não significativa com o factor perversidade, poupança e não generosidade, sendo ligeiramente mais elevado nas mulheres nos factores perversidade e não generosidade (quadro 12). Ou seja, as atitudes que relacionam o dinheiro como algo mau e com

comportamentos de não generosidade não se relacionam com a ética monetária, sendo que nas mulheres isto é mais evidente. Os homens relacionam o sucesso e a gestão/orçamento com atitudes mais positivas face ao dinheiro.

O factor sucesso apresenta correlação elevada e significativa com o factor ansiedade (0,634), e não significativa com o factor orçamento, poupança, perversidade e não generosidade (quadro 12). Entre o factor sucesso e o factor orçamento, os homens apresentam uma correlação moderada e significativa ($r=0,532$) e as mulheres apresentam uma correlação fraca e não significativa. Assim, para os homens o sucesso associa-se mais à gestão do orçamento do que para as mulheres.

O factor orçamento (escala de ética monetária) apresenta uma correlação elevada e significativa com os seguintes factores da escala de comportamento monetários: ansiedade ($r=0,808$) e poupança ($r=0,358$). O valor mais elevado e significativo ocorre entre o factor orçamento e o factor ansiedade em homens e mulheres, sendo que as mulheres apresentam uma correlação ligeiramente superior.

O factor perversidade (comportamentos monetários) apresenta correlações fracas e não significativas com os outros factores, sendo similar para homens e mulheres

Na escala de comportamentos monetários global, o factor com correlação mais elevada e significativa é o orçamento (ética monetária) (0,829), seguido da não generosidade (comportamentos monetários) ($r=0,739$), do factor poupança (comportamentos monetários) ($r=0,618$). Os homens apresentam valores de correlação ligeiramente mais elevados na correlação entre a escala de comportamentos monetários (global) e os factores: poupança, ansiedade e sucesso. As mulheres apresentam valores mais elevados nos factores: não generosidade, orçamento e perversidade (quadro 12).

Os comportamentos monetários parecem não se relacionar com o dinheiro ser bom ou mau, mas sim com os outros factores. Emerge uma tendência de género, pois nos homens os comportamentos monetários parecem depender mais da poupança, sucesso e ansiedade; as mulheres associam mais os comportamentos monetários a não generosidade, perversidade e à gestão do orçamento.

O factor poupança (comportamentos monetários) apresenta uma correlação significativa com o factor ansiedade (comportamentos monetários) e orçamento (ética monetária). Os resultados são similares para os dois géneros, com excepção no factor ansiedade que os homens apresentam uma correlação moderada e significativa ($r=0,721$, $p=0,002$) e as mulheres apresentam uma correlação fraca e não significativa ($r=0,087$, $p=0,750$).

O factor ansiedade (comportamentos monetários) apresenta uma correlação moderada e significativa com os factores poupança (comportamentos monetários), sucesso e orçamento (ética monetária). Os homens apresentam uma correlação significativa e moderada entre o factor ansiedade e poupança ($r=0,721$), não existindo outras tendências de género relevantes.

O factor não generosidade (comportamentos monetários) apresenta correlações fracas com os factores, o que também ocorre com homens e mulheres.

Os comportamentos relativos a poupança dependem dos comportamentos ansiosos e da gestão do dinheiro, sendo que os homens associam a poupança à ansiedade. Os comportamentos ansiosos face ao dinheiro vão influenciar a poupança, o sucesso e o orçamento.

Quadro 12 - Ética e os comportamentos monetários: homens e mulheres

Correlações Coefficiente de Pearson	Comportamentos Monetários				Ética Monetária		
	1	2	3	4	5	6	7
1. Comportamentos monetários							
2. Poupança (global)	0,766*						
Mulheres	0,618*						
Homens	0,842*						
3. Ansiedade (global)	0,785*	0,471*					
Mulheres	0,666*	0,087					
Homens	0,874*	0,721*					
4. Não generosidade (global)	0,639*	0,25	0,185				
Mulheres	0,739*	0,347	0,141				
Homens	0,577*	0,188	0,226				
5. Ética monetária	0,601	0,371*	0,718*	0,185			
Mulheres	0,644*	0,207	0,739*	0,286			
Homens	0,558*	0,395	0,724*	0,111			
6. Sucesso	0,409*	0,19	0,634*	0,019	0,833*		
Mulheres	0,276	-0,249	0,643*	0,025	0,780*		
Homens	0,491	0,382	0,692*	-0,007	0,891*		
7. Orçamento (global)	0,643*	0,358*	0,734*	0,265	0,590*	0,265	
Mulheres	0,829*	0,401	0,808*	0,424	0,595*	0,31	
Homens	0,636*	0,49	0,776 *	0,143	0,783*	0,532*	
8. Perversidade (global)	-0,059	-0,249	0,004	0,097	-0,092	0,055	0,062
Mulheres	-0,164	-0,264	-0,176	0,07	-0,203	-0,206	-0,225
Homens	0,126	-0,103	0,217	0,168	0,166	0,309	0,099

*p≤0,05

Influência de variáveis sócio-demográficas

O estado civil não é relevante neste estudo, pois quase todos os inquiridos são viúvos; o mesmo se passa com a escolaridade, pois quase todos têm 4 anos de escolaridade.

A satisfação com a vida global apresenta correlações fracas e nunca significativas com as variáveis sócio - demográficas, sendo que os homens apresentam uma correlação moderada,

positiva e significativa com a satisfação com a vida e a idade ($r=0,535$) (quadro 4); ou seja, nos homens à medida que a idade aumenta a satisfação com a vida também aumenta.

A escala de ética monetária apresenta correlações fracas com as variáveis sócio-demográficas. O sexo feminino apresenta correlação moderada, positiva e significativa com a ética monetária e o número de filhos ($r=0,573$) e uma correlação moderada e não significativa com a idade, sugerindo que as mulheres que têm filhos apresentam atitudes mais positivas relativas ao dinheiro. Os homens apresentam correlações fracas com as variáveis sócio-demográficas (quadro 13).

Os valores mais elevados de correlação e significativas apresentam-se nas mulheres entre o factor orçamento e gestão e o rendimento ($r=0,558$) e ainda, embora não significativa, o sucesso e o rendimento ($r=0,408$). Nos homens a correlação entre a perversidade e o número de filhos tem um valor moderado ($r=0,456$) (quadro 13).

A escala de comportamentos monetários global apresenta correlações fracas com as variáveis sócio - demográficas; o sexo feminino apresenta correlação moderada e significativa entre os comportamentos monetários e o número de filhos ($r=0,558$). Não existem outras diferenças significativas entre os homens e mulheres (quadro 13). Os valores mais elevados de correlação e significativas ocorrem nas mulheres entre o factor ansiedade e o número de filhos ($r=0,519$), ou seja as mulheres com mais filhos apresentam mais comportamentos de ansiedade relacionados com o dinheiro. Nos homens o valor da correlação mais elevado (moderado), embora não significativo, é entre o factor ansiedade e o rendimento ($r=0,343$) (quadro 13).

A satisfação com a vida global apresenta um valor global moderado, tanto para os idosos residentes em meio rural como em meio urbano. Homens e mulheres apresentam médias similares e sem diferenças estatisticamente significativas, mas os homens apresentam satisfação ligeiramente superior à das mulheres em meio rural e inferior em meio urbano (quadro 14).

Quanto à ética monetária, os idosos apresentam uma média global para o significado com o dinheiro similar em meio rural e urbano. O factor que apresenta média superior é “gestão e orçamento” tanto para o meio rural como para o urbano, seguido do factor perversidade e do factor sucesso, não existindo diferenças significativas entre meio rural e urbano.

Na escala global, homens e mulheres apresentam valores similares, sendo que as mulheres dão ligeiramente mais significado ao dinheiro tanto em meio rural como urbano. No factor perversidade, os inquiridos de ambos os sexos apresentam valores similares, sendo ligeiramente superior nos homens em meio rural e urbano. Nos restantes factores existem diferenças:

- a) Sucesso, as mulheres apresentam uma média superior tanto em meio rural como urbano;

- b) Orçamento e gestão, ambos os sexos apresentam médias similares, mas as mulheres tanto de meio rural como urbano apresentam médias estatisticamente significativas.

Ou seja, tanto em meio rural como urbano, observa-se que as mulheres dão mais significado ao dinheiro que os homens e que associam o dinheiro ao sucesso e principalmente ao orçamento.

Quadro 13 - Influência de variáveis sócio - demográficas

	Idade			Número de filhos			Rendimento		
	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total
Satisfação com a Vida									
Coef. Pearson	0,548*	-0,147	0,121	0,365	0,233	0,266	0,237	-0,006	0,044
Sig. (2-tailed)	0,028	0,588	0,509	0,165	0,384	0,141	0,378	0,982	0,81
Ética Monetária									
Coef. Pearson	0,186	0,41	-0,015	0,018	0,573*	0,221	0,254	0,203	0,305
Sig. (2-tailed)	0,49	0,115	0,937	0,947	0,02	0,223	0,343	0,452	0,09
Sucesso									
Coef. Pearson	0,225	-0,262	-0,026	0,165	0,256	0,209	0,365	0,408	0,493
Sig. (2-tailed)	0,402	0,326	0,888	0,542	0,338	0,25	0,13	0,116	0,004
Orçamento e Gestão									
Coef. Pearson	0,125	0,159	0,181	-0,21	0,558*	-0,029	0,014	-0,203	-0,176
Sig. (2-tailed)	0,644	0,558	0,322	0,435	0,025	0,877	0,958	0,451	0,336
Perversidade									
Coef. Pearson	0,251	0,187	0,058	0,456	-0,332	0,293	-0,097	0,314	-0,085
Sig. (2-tailed)	0,348	0,488	0,751	0,076	0,209	0,103	0,72	0,237	0,642
Comportamentos Monetários									
Coef. Pearson	0,088	-0,169	-0,02	0,061	0,558*	0,316	0,224	-0,29	0,07
Sig. (2-tailed)	0,745	0,532	0,912	0,821	0,025	0,78	0,405	0,277	0,702
Poupança									
Coef. Pearson	0,008	0,153	0,077	0,068	0,364	0,213	0,277	-0,293	0,145
Sig. (2-tailed)	0,977	0,572	0,675	0,801	0,166	0,241	0,299	0,27	0,429
Ansiedade									
Coef. Pearson	0,216	-0,239	-0,003	-0,053	0,519*	0,27	0,343	-0,006	0,199
Sig. (2-tailed)	0,423	0,372	0,989	0,844	0,039	0,135	0,193	0,981	0,274
Não generosidade									
Coef. Pearson	-0,048	-0,179	-0,116	0,15	0,242	0,204	-0,15	-0,328	-0,206
Sig. (2-tailed)	0,859	0,506	0,527	0,579	0,367	0,262	0,579	0,215	0,257

*p≤0,05

Relativamente à escala de comportamentos monetários, os inquiridos apresentam uma média global similar entre meio rural e urbano. O factor poupança apresenta uma média superior tanto no meio rural como urbano, seguido do factor não generosidade e do factor ansiedade.

Comparativamente à escala global, homens e mulheres apresentam valores similares em meio rural, mas em meio urbano as mulheres apresentam médias superiores aos homens. Sendo que no factor poupança e não generosidade não existem diferenças entre os sexos, mas no factor ansiedade as mulheres de meio rural apresentam médias superiores e estatisticamente significativas ($t=-2,343$, $p=0,034$) e as de meio urbano apresentam médias superiores aos homens (3,25 e 1,83) e estatisticamente significativas ($t=-0,343$, $p=0,035$).

Surge então uma diferença de género, as mulheres apresentam comportamentos relacionados com a ansiedade tanto no meio urbano como rural, não existindo diferenças nos outros factores, apesar de as mulheres terem comportamentos superiores relacionados com a poupança e não generosidade.

Quadro 14 - Residência, satisfação com a vida, ética e comportamentos monetários

	Resid.	Homens				Mulheres				Total			
		M	DP	p	t	M	DP	p	t	M	DP	p	t
Satisfação com a Vida ^{total}	R	3,18	0,819	1,219	0,243	3,48	1,129	0,126	0,902	3,36	0,933	0,89	0,381
	U	2,87	0,503	1,655	0,16	3,1	1,251	0,126	0,902	3,04	1,076	0,85	0,407
Ética Monetária ^{total}	R	3,22	0,696	1,344	0,2	3,28	0,373	-1,068	0,304	3,24	0,583	-0,25	0,804
	U	2,61	0,796	1,271	0,298	3,56	0,645	-1,068	0,304	3,3	0,777	-0,229	0,822
Sucesso	R	2,67	0,793	1,486	0,159	3,13	1,018	-0,611	0,551	2,85	0,889	-0,442	0,662
	U	1,92	0,804	1,473	0,238	3,41	0,812	-0,611	0,551	3	1,037	-0,421	0,679
Orçamento e Gestão	R	3,94	0,630	1,369	0,187	3,13	0,482	-2,4	0,031*	3,63	0,697	-0,194	0,848
	U	3,33	0,946	1,061	0,383	3,81	0,651	-2,4	0,032*	3,68	0,725	-0,191	0,85
Perversidade	R	3,58	0,553	-0,5	0,623	3,28	0,471	1,002	0,33	3,46	0,532	1,157	0,257
	U	3,75	0,433	-0,59	0,589	3,03	0,525	1,002	0,33	3,23	0,586	1,121	0,276
Comportamento Monetários ^{total}	R	3,53	0,634	1,34	0,202	3,4	0,391	-1,577	0,137	3,48	0,547	-0,39	0,619
	U	2,94	0,918	1,048	0,386	3,81	0,622	-1,577	0,141	3,57	0,725	0,35	0,731
Poupança	R	4,31	0,630	1,853	0,085	4,38	0,744	-0,78	0,448	4,33	0,658	0,205	0,839
	U	3,33	1,528	1,084	0,385	4,63	0,518	-0,78	0,45	4,27	1,009	0,18	0,86
Ansiedade	R	2,85	0,944	1,65	0,121	2,31	0,704	-2,343	0,034*	2,64	0,882	-0,618	0,541
	U	1,83	1,041	1,545	0,226	3,25	0,886	-2,343	0,035*	2,86	1,098	-0,577	0,572
Não generosidade	R	3,44	0,809	-0,43	0,674	3,5	0,924	-0,094	0,927	3,46	0,833	-0,371	0,714
	U	3,67	1,000	-0,37	0,737	3,54	0,823	-0,094	0,927	3,58	0,844	-0,369	0,716

M (Médias)
DP (Desvio Padrão)

A tendência para a depressão correlaciona-se de forma significativa e negativa com a satisfação com a vida global ($r=-0,482$); nas mulheres as correlações são moderadas, negativas e significativas ($r=-0,575$; $p=0,02$) e nos homens as correlações são negativas e não são significativas ($r=-0,221$; $p=0,411$) (quadro 4). Ou seja, a depressão aumenta à medida que a satisfação com a vida diminui, sendo que nas mulheres são mais susceptíveis à influência da depressão na satisfação com a vida.

Os outros indicadores de isolamento apresentam correlações fracas com a satisfação com a vida, sendo que o factor tamanho da rede social apresenta uma correlação fraca e positiva e o factor isolamento apresenta uma correlação fraca e negativa com a satisfação com a vida. O género não parece influenciar as correlações, mas mulheres apresentam correlação mais elevada e negativa com o factor isolamento ($r=-0,466$) (quadro 15).

A ética monetária global apresenta correlações fracas e nunca significativas com os indicadores de isolamento social, não existindo diferenças entre homens e mulheres (quadro 15), ou seja, o significado do dinheiro não é influenciado pelos factores de isolamento.

O factor orçamento e gestão correlaciona-se moderada, positiva e significativa com a depressão ($r=0,467$), as correlações considerando o género são moderadas mas não significativas. As mulheres apresentam correlações moderadas entre o isolamento e o factor sucesso ($r=-0,433$) e embora mais baixas, com o tamanho da rede ($r=0,263$). Os homens apresentam correlações moderadas e negativas entre o tamanho da rede social e o factor perversidade ($r=-0,474$) e com o isolamento e factor perversidade ($r=-0,381$), o que sugere que o significado do dinheiro associa a gestão e orçamento ao tamanho da rede social.

A escala de comportamentos monetários global apresenta correlações fracas e nunca significativas com os indicadores de isolamento social, não existindo diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres (quadro 15), ou seja, os comportamentos relativos ao dinheiro não dependem dos factores de isolamento.

Os valores de correlação dos factores da escala de comportamentos monetários e os indicadores de isolamento são sempre fracos e nunca significativos. As mulheres correlacionam significativamente o factor não generosidade e a depressão ($r=0,633$). Nos restantes factores o género nunca é significativo (quadro 15), ou seja, para as mulheres as questões de generosidade estão mais associadas aos indicadores de depressão.

A tendência depressiva é determinante na percepção da satisfação com a vida total, emergindo uma questão de género, pois as mulheres são influenciadas pelo factor depressão tanto na satisfação com a vida como nas questões de generosidade.

Quadro 15 - Influência dos indicadores de isolamento

	Rede			Depressão			Isolamento		
	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total
Satisfação com a Vida									
Coef. Pearson	0,101	0,341	0,267	-0,221	-0,575**	-0,482*	0,118	-0,466	-0,265
Sig. (2-tailed)	0,71	0,197	0,139	0,411	0,02	0,005	0,664	0,69	0,143
Ética Monetária									
Coef. Pearson	0,357	0,236	0,248	-0,058	0,02	0,059	-0,33	-0,216	-0,221
Sig. (2-tailed)	0,175	0,38	0,17	0,832	0,942	0,749	0,212	0,423	0,224
Sucesso									
Coef. Pearson	0,263	0,004	0,058	-0,141	-0,07	0,033	-0,433	-0,011	-0,118
Sig. (2-tailed)	0,326	0,989	0,751	0,603	0,798	0,857	0,094	0,967	0,52
Orçamento e Gestão									
Coef. Pearson	0,482	0,452	0,467*	0,247	0,287	0,166	-0,01	0,205	0,06
Sig. (2-tailed)	0,058	0,079	0,007	0,356	0,282	0,364	0,971	0,447	0,742
Perversidade									
Coef. Pearson	0,377	-0,474	-0,046	-0,367	0,105	-0,181	-0,381	0,327	-0,062
Sig. (2-tailed)	0,15	0,064	0,804	0,162	0,699	0,321	0,146	0,216	0,735
Comportamentos Monetários									
Coef. Pearson	0,162	0,21	0,162	0,129	0,346	0,265	0,033	0,12	0,093
Sig. (2-tailed)	0,55	0,436	0,377	0,633	0,189	0,143	0,904	0,659	0,614
Poupança									
Coef. Pearson	0,007	0,192	0,064	0,202	0,066	0,178	0,124	-0,145	0,035
Sig. (2-tailed)	0,979	0,477	0,762	0,452	0,807	0,331	0,646	0,592	0,849
Ansiedade									
Coef. Pearson	0,222	0,437	0,324	0,274	-0,023	0,105	-0,014	0,179	0,094
Sig. (2-tailed)	0,408	0,091	0,071	0,304	0,933	0,568	0,96	0,507	0,608
Não generosidade									
Coef. Pearson	0,133	-0,206	-0,67	-0,227	0,633*	0,312	-0,034	0,144	0,069
Sig. (2-tailed)	0,624	0,444	0,717	0,399	0,009	0,083	0,901	0,594	0,709

*p≤0,01 (2-tailed)

*p≤0,05 (2-tailed)

Grupos de ética e comportamentos monetários

Para compreender melhor como os factores da ética monetária e dos comportamentos monetários interagem, procedeu-se à análise de *clusters* (quadro 16). Os *clusters* foram calculados a partir dos factores das escalas de ética e comportamento monetário, tendo-se optado por uma solução de 2 *clusters*, por ser a que mais se ajustava aos resultados (quadro 16). Considerando as médias dos factores em cada *cluster* foram nomeados da seguinte forma:

a) Cluster 1 – atitudes e comportamentos monetários positivos.

b) Cluster 2 – atitudes e comportamentos monetários negativos.

O *cluster 1* abrange 46,9% dos sujeitos e o *cluster 2* os restantes 53,1%, ou seja, os sujeitos dividem-se entre atitudes e comportamentos positivos e negativos relacionados com o dinheiro. Os sujeitos com atitudes mais negativas em relação ao dinheiro apresentam-se mais satisfeitos com a vida (3,12). Estes grupos de comportamentos e ética monetária não variam com as outras variáveis do estudo.

Em seguida analisou-se com base em frequências observadas e esperadas como os *clusters* variam com o sexo, profissão, estado civil e local de residência. Os resultados indicam: i) as mulheres distribuem-se igualmente entre os 2 *clusters*, mas os homens tendem a agrupar-se mais frequentemente no *cluster 2*; ii) o grupo profissional 4 (Índice de Graffar), tende a ocorrer com mais frequência no *cluster 2*, o grupo 5 ocorre ligeiramente mais frequente no *cluster 1* e no grupo profissional 3 não existem diferenças; iii) os viúvos e divorciados apresentam uma frequência superior no *cluster 2*; iv) os residentes em zona urbana são mais frequentes no *cluster 1* e os de residência rural ocorrem com mais no *cluster 2*.

Queremos sublinhar que muito provavelmente a dimensão reduzida da amostra neste estudo exploratório restringe a possibilidade de ocorrerem tendências mais significativas. Aliás o reduzido tamanho da amostra é uma das principais limitações deste estudo.

Quadro 16 - Grupos de Ética e Comportamentos monetários

Factores (médias)	Cluster 1 (n=15) Atitudes e comportamentos monetários positivos	Cluster 2 (n=17) Atitudes e comportamentos monetários negativos
Ética Monetária		
Sucesso (2,90)	3,47 (++)	2,4 (--)
Orçamento (3,65)	4,07 (++)	3,28 (--)
Perversidade (3,38)	3,43 (+)	3,34 (-)
Comportamentos Monetários		
Poupança (4,31)	4,67 (++)	4 (--)
Ansiedade (2,72)	3,5 (++)	2,03 (--)
Não generosidade (3,50)	3,62 (+)	3,39 (-)
Satisfação com a Vida (3,25)	3,12 (-)	3,36 (+)
Idade ¹ (76,44)	75,8 (-)	77 (+)
Índice de Graffar ² (16,22)	16,27 (+)	16,18 (-)
Índice de Barthel ³ (97,34)	96,67 (-)	97,94 (+)
Escolaridade ⁴ (2,16)	2,2 (+)	2,12 (-)
Nº de filhos ⁵ (2,75)	3,2 (++)	2,35 (--)
Rendimento ⁶ (1,81)	1,93 (+)	1,71 (-)
Rede ⁷ (20,25)	21,87 (+)	18,82 (-)
Depressão ⁸ (1,63)	1,73 (+)	1,53 (-)
Isolamento ⁹ (2,69)	2,8 (+)	2,59 (-)

Nota: os sinais (+), (++), (-) e (--) pretendem apenas ajudar a comparar cada média com a média global do factor.

(1) As médias de idade são estatisticamente similares ($p=0,650$; $p=0,639$).

(2) As médias do índice de Graffar são estatisticamente similares ($t=275$; $p=0,784$).

(3) As médias do Índice de Barthel são estatisticamente similares ($t=-0,709$; $p=0,485$).

(4) As médias da escolaridade são estatisticamente similares ($t=0,513$; $p=0,608$).

(5) As médias dos números de filhos são estatisticamente similares ($t=0,986$; $p=0,355$).

(6) As médias dos rendimentos são estatisticamente similares ($t=0,777$; $p=0,454$).

(7) As médias do tamanho da rede social são estatisticamente similares ($t=0,681$; $p=0,500$).

(8) As médias da depressão são estatisticamente similares ($t=0,424$; $p=0,681$).

(9) As médias do isolamento são estatisticamente similares ($t=0,443$; $p=0,661$).

8. DISCUSSÃO

Satisfação com a Vida

Neste estudo as pessoas idosas inquiridas encontram-se moderadamente satisfeitas com a vida, o que está em conformidade com resultados de anteriores investigações (Simões *et al*, 2003; Myers, 2000). Estes resultados podem estar relacionados com o facto de todos os idosos pertencerem a classe média, pois apesar de o rendimento não ser um bom predictor da satisfação com a vida, os recursos materiais tem um valor instrumental (Diener, 1995). Os rendimentos permitem aos idosos satisfazerem as suas necessidades básicas e possibilitam o desenvolvimento social, facilitando por exemplo: a participação em actividades recreativas que aumenta o contacto social e, conseqüentemente, eleva a satisfação com a vida.

Os homens apresentaram-se ligeiramente mais satisfeitos com a vida. Por exemplo, Wood *et al* (1999, cit in Simões, 2000) observou resultados opostos. Simões *et al* (2003) justifica a tendência para que os homens apresentem maior satisfação com a vida: as mulheres experimentam sentimentos mais fortes e frequentes do que os homens; além disso, especificamente as mulheres portuguesas são mais centradas nos filhos (Aboim, 2007); este conjunto de factores conduz a maior *stress* nas mulheres, proporcionando aos homens uma satisfação com a vida superior.

Relativamente às variáveis sócio - demográficas os dados do estudo estão em consonância com outras investigações (Diener, 1999; Simões *et al.*, 2003) que indicam a sua pouca influência na satisfação com a vida. Contudo, verificam-se algumas influências. Nos homens a satisfação com a vida aumenta com a idade. Alguns estudos têm vindo a indicar que a satisfação com a vida aumenta com a idade nas mulheres (Diener, 1999; Simões *et al*, 2003), mas não nos homens. Mas, provavelmente, os nossos dados podem ser sustentados pela teoria da selectividade emocional (Cartensen, 1995): ou seja, à medida que as pessoas envelhecem, melhora a sua capacidade de controlo das emoções, permitindo aos homens diminuir a sua preocupação e *stress* com pequenos problemas do dia-a-dia, aumentando a sua satisfação com a vida.

Neste estudo as variáveis que indicam isolamento emocional (percepção de solidão) e isolamento social (tamanho da rede) não apresentam correlações significativas com a satisfação com a vida, o que não está de acordo com diversos outros estudos (Resende *et al* 2006, 2005; Pául, 2001; Neri, 2001). Nestes estudos, principalmente o tamanho da rede influencia a satisfação com a vida, mas como a satisfação com a vida depende da forma de encarar à vida, das representações individuais da vida passada, presente e futura,

provavelmente, outras variáveis têm mais influência na satisfação com a vida. Além disso segundo o INE (2000) os idosos estabelecem relações regulares com os amigos e vizinhos. A maior parte dos idosos conversam todos os dias com vizinhos e familiares (68%) e este número aumentam se considerarmos 1 ou 2 vezes por semana (90%).

A indicação de provável depressão influencia a satisfação com a vida: quanto mais é provável que a pessoa esteja deprimida menor é a sua satisfação com a vida. A literatura suporta estes dados (Neto, 1999; Irigary *et al.*, 2007; Albuquerque, 2007), indicando a necessidade de processos de adaptação às perdas vividas ao longo da vida e na velhice. Por exemplo, a perda do cônjuge é especialmente difícil para os homens (Lima, 2004), como a nossa amostra é composta essencialmente por viúvos, que podem estar ainda a adaptar-se a este processo e, por isso, apresentam maior tendência para estarem deprimidos. As mulheres apresentam-se mais susceptíveis à influência da depressão na satisfação com a vida. Provavelmente porque sofrem com mais frequência de depressão e sintomas depressivos que os homens (Lima, 2004; INE, 2002); além disso pode haver influência de traços da personalidade.

A satisfação com a vida apresenta um valor moderado tanto nas pessoas idosas que vivem em meio rural, como nas que residem em meio urbano. Estes resultados são idênticos aos obtidos por Fernández *et al* (2003 cit in Paúl *et al*, 2005). Os homens de meio rural estão mais satisfeitos com a vida do que as mulheres. Talvez por nas comunidades rurais existir um ambiente comunitário mais próximo e “familiar”, os homens tenham mais facilidade em manter os seus contactos antigos. Além disso, por norma, os meios rurais são mais conservadores, com os valores tradicionais mais enraizados; assim os papéis masculinos e femininos são mais convencionais: a mulher é a dona-de-casa e o homem é quem sai de casa para trabalhar e trazer o sustento da família. Nestas circunstâncias, o homem fica mais livre para cultivar contactos sociais. Os resultados indicam que no meio urbano as mulheres estão mais satisfeitas com a vida do que os homens, provavelmente por terem maior facilidade em estabelecer contactos sociais com novas pessoas evitando o isolamento das cidades.

Ética monetária

Neste estudo os resultados indicam que a ética monetária é similar em homens e mulheres, o que contraria alguns estudos, em que as mulheres atribuem um significado menor ao dinheiro, contudo está em concordância com o estudo de McClure (1984). Os homens e as mulheres tem atitudes positivas em relação ao dinheiro, provavelmente porque como se trata de idosos que vivem sós e na sua maioria são viúvos são eles que gerem e cuidam do seu próprio dinheiro.

As pessoas idosas atribuem maior relevo à gestão do orçamento e associam o dinheiro ao sucesso. Este resultado está em consonância, por exemplo com o estudo Gharpade *et al.* (2006), em que as pessoas idosas revelaram grande preocupação com o futuro, principalmente

por estarem dependentes das suas reformas; além disso, como moram sozinhos, tendem a preocupar-se muito com a forma como o dinheiro deve ser gerido.

As mulheres associam ligeiramente mais o dinheiro à perversidade, sugerindo que o significado que cada um dá ao dinheiro varia em função das suas origens e experiências (Wernimont & Fitzpatrick, 1972). Como as mulheres portuguesas entraram no mercado de trabalho mais tardiamente, cabia-lhes o papel tradicional da gestão do lar, enquanto o homem assumia a gestão do orçamento. Consequentemente, as mulheres acabavam por estar em dependência económica dos seus maridos, o que muitas vezes era razão de conflitos no casal.

Os homens associam ligeiramente mais o dinheiro ao sucesso, pois parece que pensam mais em termos de posses, ou seja, do que representa ter dinheiro; estes resultados vão de encontro à literatura (Lim e Teo, 1996; Gharpade *et al.*, 2006; Vogler *et al.*, 2008).

As variáveis sócio - demográficas não parecem influenciar o significado que as pessoas idosas atribuem ao dinheiro. No entanto, as mulheres com filhos apresentam uma atitude mais positiva em relação ao dinheiro, o que pode estar relacionado com as transferências intergeracionais (Kolhi, 2004). Os filhos ocupam um lugar central na vida das mulheres, talvez por isso manifestem uma atitude mais positiva em relação ao dinheiro, pois garante a possibilidade de transmissão de um legado material e permite ajudar mais os filhos em situação de necessidade (Carreteiro e Freire, 2006).

A percepção de rendimento parece influenciar a associação do dinheiro à gestão do orçamento nas mulheres. A literatura indica que as pessoas com mais posses têm mais preocupações em relação ao futuro do que os menos favorecidos (Furhman, 1992). Neste caso, como a população é de classe média pode-se depreender que tem mais preocupações relativas a gestão do orçamento.

Em relação a zona de residência tanto em meio rural como urbano, observa-se que as mulheres dão mais significado ao dinheiro do que os homens e que o associam ao sucesso e, principalmente, ao orçamento e gestão, sugerindo que as mulheres de meio rural e urbano têm uma preocupação com a gestão do orçamento que se traduz numa atitude mais positiva em relação ao dinheiro. O significado do dinheiro não é influenciado pelos factores de isolamento, tanto nos homens como nas mulheres. Contudo o factor orçamento é influenciado pelo tamanho da rede social, sugerindo que quanto maior a rede social maior a necessidade de gerir o orçamento. A percepção da depressão apresenta uma correlação positiva e significativa com o factor gestão do orçamento, sugerindo que a personalidade pode influenciar as atitudes em relação ao dinheiro, os apáticos tendem a valorizar o orçamento e ter pontuação mais baixa na realização (Tang *et al.*, 2005).

Comportamentos Monetários

Para os idosos os comportamentos monetários relacionam-se principalmente com a poupança, sugerindo que se preocupam com o futuro (Gharpade, 2006) devido ao grau de incerteza (Carreira e Freire, 2006) e ao valor reduzido das reformas ou pensões. Ou seja, sentem que existe a necessidade de poupar.

As variáveis socioeconómicas não influenciam os comportamentos monetários. No entanto, as mulheres apresentam uma correlação significativa entre os comportamentos monetários e o número de filhos, sugerindo que o papel social das mulheres é pensar nos filhos e nas suas necessidades. Nesta linha, verifica-se que a ansiedade associada ao dinheiro também aumenta nas mulheres à medida que têm mais filhos. A literatura tem revelado esta tendência (Gharpade *et al*, 2006; Hayode *et al* 2000, Quintana, 1999, Bernadi, 1997; Boynoye 2002), sugerindo que as mulheres têm que gerir o seu orçamento de forma a poderem “cuidar” dos filhos, o que aumenta os níveis de ansiedade. Em relação a zona de residência, não existem diferenças entre o meio rural e urbano nos comportamentos monetários. Tanto em meio rural como urbano, o factor com médias mais elevada é a poupança, demonstrando que independente da zona que se vive existe uma preocupação em relação ao futuro.

Os comportamentos monetários relativos ao dinheiro não dependem dos factores de isolamento. As mulheres apresentam uma correlação significativa com o factor não-generosidade e a percepção da depressão, sugerindo que como são mais propensas a depressão, ficam mais em casa evitando o contacto social e, consequentemente, menos dispostas a actos de solidariedade e generosidade.

Relação ente ética e comportamentos monetários

As atitudes relativas ao dinheiro vão influenciar os comportamentos monetários. A ética monetária correlaciona-se principalmente com o factor ansiedade, sugerindo que o significado atribuído ao dinheiro aumenta à medida que a ansiedade financeira aumenta. As pessoas idosas que vivem sós constituem um grupo, mesmo sendo de classe média, que tem de se preocupar com a sua estabilidade e garantia económica no futuro.

As atitudes que relacionam o dinheiro como algo *mau* com comportamentos de não-generosidade não se relacionam com a ética monetária, o que é mais evidente nas mulheres. Os homens relacionam o sucesso e a gestão do orçamento com atitudes mais positivas face ao dinheiro, sugerindo que para eles o dinheiro está relacionado com a posse (Rudmin, 1990). Os homens tendem a ver o dinheiro como uma *moeda*, meio de comparação e avaliação (Lim e Teo, 1996) e utilizam-no para impressionar as outras pessoas (Gharpade, 2006).

Os comportamentos monetários parecem não se relacionar com o dinheiro ser *bom ou mau*, mas com os outros factores. Para os homens os comportamentos monetários parecem depender mais da poupança, sucesso e ansiedade e as mulheres associam os

comportamentos monetários à não-generosidade, perversidade e à gestão do orçamento. Parece que a forma como vão agir relativamente ao dinheiro depende da poupança, sucesso e ansiedade, pois os idosos recebem reformas pequenas e, devido a todas as incertezas, têm de poupar o que gera maior ansiedade. As mulheres como foram habituadas a gerir o orçamento da casa (educação dos filhos, compras, ...) dão mais importância à forma de gerir o orçamento antes de gastar o dinheiro.

Satisfação com a vida, ética e comportamentos Monetários

Neste estudo a satisfação com a vida não se associa aos comportamentos e ética monetária, o que está em consonância com a literatura (Diener, 1993, 1995). Além disso, parece estar ir ao encontro do conceito de gerotranscendência (Tornstam, 1989), que indica que os idosos adquirem uma sabedoria que lhes permite uma ruptura com a visão mais materialista e racional do mundo, característica das sociedades ocidentais contemporâneas, levando a algumas séries de alterações: diminuição do interesse em interações sociais supérfluas; maior dedicação a reflexão; crescente sentimento de afinidade com o passado e com as futuras gerações; desinteresse pelas coisas materiais; redefinição da percepção do tempo e espaço; redefinição da percepção da vida e da morte; e a diminuição do medo da morte (Gomes *et al*, 2007).

Os homens apresentam uma relação moderada entre a satisfação com a vida e os comportamentos monetários, sugerindo a associação com a teoria da comparação (Festinger, 1954). A sociedade portuguesa é patriarcal, por isso cabe ao homem ganhar dinheiro para a alimentação e habitação. Os homens tendem a comparar - se uns com os outros. Relativamente aos factores da ética monetária, verifica-se que quanto maior a satisfação com a vida, maior a crença que o dinheiro é *mau*. Quando as pessoas se sentem satisfeitas com a vida valorizam menos o aspecto económico, dando maior importância a aspectos emocionais e relacionais.

Sobre os factores dos comportamentos monetários, a satisfação com a vida aumenta quando se assumem comportamentos de poupança, apontando para a preocupação das pessoas idosas em relação ao futuro e pela sua necessidade de manter a sua integridade (Erickson, 1950) ajudando-os a preservar a sua identidade face a acontecimentos que os fragilizam. Pode também estar relacionado com a transmissão de heranças, que é um reflexo de um processo de continuidade e coerência da pessoa, então para os idosos existe esta necessidade de poupar para deixar uma marca, um legado (Shen *et al*, 2004).

A análise de clusters permitiu identificar um grupo que apresenta atitudes mais negativas em relação ao dinheiro e se apresentam menos satisfeitos com a vida. Envolve tendencialmente homens de residência rural, ou seja há uma tendência para as pessoas que moram em meio

rural e do sexo masculino se apresentarem menos satisfeitos com a vida, consequentemente valorizando menos o dinheiro.

Implicações

Estes resultados tem implicações a nível da compreensão da satisfação com a vida, pois permite compreender os factores que a influenciam e, consequentemente, permite formular políticas que promovam o envelhecimento activo, preservando a integridade do idoso. Além disso, o estudo da relação entre a satisfação com a vida, os comportamentos monetários e a ética monetária, pode contribuir para clarificar o papel dos bens pessoais na construção da integridade e preservação da identidade da pessoa idosa.

Os resultados sugerem que os idosos se encontram, em geral, satisfeitos com a sua vida, mas não emerge uma relação entre a ética e os comportamentos monetários e essa satisfação. Mas os resultados indicam que os idosos estão preocupados com as incertezas do futuro e que vêem a poupança e a gestão do seu orçamento como contributos para o aumento da satisfação com a vida. Estes resultados são, ainda, pertinentes para a prática, pois podem ser formuladas políticas que reflectam estas preocupações dos idosos.

Uma das principais limitações deste estudo foi o tamanho da amostra, que restringe a possibilidade de ocorrerem tendências mais significativas. Para além disso o estudo poderia ser enriquecido com o envolvimento de outros grupos: pessoas idosas que residam em lar de idosos, que vivam com os filhos e/ou em casal de idosos. Importa referir a escassez de estudos realizados em Portugal sobre a temática; de facto os estudos existentes referem-se à população norte-americana e maioritariamente incidem em estudantes universitários e trabalhadores. Assim, torna-se necessário prosseguir com esta linha de investigação.

9. CONCLUSÃO

A satisfação com a vida não parece estar associada à ética e/ou aos comportamentos monetários. Contudo quanto maior é a satisfação com a vida, mais ocorrem os comportamentos de poupança e mais frequentes as atitudes que associam o dinheiro à perversidade.

Os dados sugerem que os idosos de classe média a viver em agregados unipessoais se encontram moderadamente satisfeitos com a vida, sendo que os homens estão ligeiramente mais satisfeitos do que nas mulheres. As variáveis sócio - demográficas, o local de residência e os factores de isolamento não influenciam a satisfação com a vida, todavia nos homens à medida que a idade aumenta o mesmo ocorre com a satisfação com a vida. Nas mulheres a satisfação com a vida é mais influenciada pela depressão.

A ética e os comportamentos monetários parecem influenciar-se. A ética monetária é influenciada por comportamentos ansiosos em relação ao dinheiro e os comportamentos monetários são influenciados pelos factores sucesso e gestão do orçamento da ética monetária. Contudo, as atitudes face ao dinheiro não são influenciadas pelas variáveis sócio - demográficas. Mas a percepção da depressão e o tamanho da rede social vão influenciar as atitudes em relação a gestão do orçamento. Os comportamentos monetários também não são influenciados pelas variáveis sócio - demográficas, pela zona de residência e pelos factores de isolamento.

Este estudo é apenas o início de inúmeras possibilidades de investigação, devido a escassez de estudos deste âmbito em Portugal. Como perspectivas para novas investigações será conveniente que a amostra seja mais representativa. Sugerimos três linhas de investigação possíveis: *i)* compreender a influência da personalidade sobre a satisfação com a vida, a ética e os comportamentos monetários; *ii)* perceber as diferenças entre os comportamentos e a ética monetária de idosos que vivem em casal e dos idosos que vivem sós, nos diversos extractos sociais; e *iii)* compreender as diferenças entre a idade adulta e a velhice, relativamente a comportamentos e ética monetária.

BIBLIOGRÁFIA

Aboim, S. (2007). Família e Género em Portugal e na Europa. In Wall, K. e Amâncio, L. (1ª Ed.) *Clivagens e continuidades de género face aos valores da vida em Portugal e noutros países europeus* (pp. 35-92). Lisboa: ICS.

Albuquerque, I. & Lima, M. (2007). Personalidade e Bem-estar Subjectivo: Uma abordagem com os projectos pessoais. Recuperado em 10 de Outubro, 2007: <http://www.psicologia.com.pt>.

Amâncio, L. (2007). Família e Género em Portugal e na Europa. In Wall, K. e Amâncio, L. (1ª Ed.) *Género e divisão do trabalho doméstico – o caso português em perspectiva* (pp. 181-210). Lisboa: ICS.

Annan, K. (2002). 2ª Assembleia Mundial do Envelhecimento, Madrid; Nações Unidas. População e envelhecimento: factos e números, In: *Segunda Assembleia Mundial sobre Envelhecimento. 8 a 12 de Abril de 2002*. Madrid (Espanha).

Barreto, A. (2002). Mudança Social em Portugal, 1960-2000. *Instituto de Ciências Sociais*. Lisboa.

Barreto, J. (2005). Envelhecimento e qualidade de vida: o desafio actual. *Sociologia*, XV, 289-302.

Bojuwoye, O. (2002). Stressful experiences of first year students of selected universities in South Africa. *Counseling Psychology Quarterly*, 15, 277-290.

Braga, S.; Cardoso, L. & Resende, M. (2005). "Satisfação com a vida e rede de relações sociais de idosos que vivem sós". In: *I Congresso Latino Americano de Psicologia*. São Paulo: ULAPSI.

Carreteiro, T. e Freire, L. (2006). De mãe para filha. *Psicologia Clínica* 18, 179-191.

Carstensen, L. L. Motivação para Contacto Social Ao Longo do Curso de Vida: Uma Teoria de Selectividade Emocional. In: Liberalesso, A. N. (Org.). *Psicologia do Envelhecimento*. SP: Papyrus, 1995.

Carvalho, M. e Machado, J. (2006). Analise dos usos dos tempos entre crianças acerca das relações de género e de classe social. *Currículo Sem Fronteiras* 6, 70-81.

Chaves, I. (2006). Depressão no Idoso e Processo de Envelhecimento: Quando o entardecer chega...; Recuperado em 15 de Dezembro, 2007 de <http://www.cpints.com>

Cruz, S. (2003). *Bem-estar Subjectivo em Adultos e idosos*. Dissertação. PUC- Campinas.

- DeNeve, K. e Cooper, H. (1998). The happy personality: A meta-analysis of 137 personality traits and subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 124, 197-229.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.
- Diener, E.; Emmons, R.; Larsen, R. e Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale, *Journal of personality Assessment*, 49, 71-75.
- Diener, E.; Diener, M. e Diener, C. (1995). Factors predicting the subjective well-being of nations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 851-864.
- Diener, E. e Diener, C. (1996). Most people are happy. *Psychological Science*, 7 (pp. 181-185).
- Diener, E.; Such, E.; Lucas, R. e Smith, H. (1999). Subjective well-being: three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125, 276-302.
- Diener, E. (2000). Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist*, 55, 34-43.
- Direcção-Geral da saúde (2006). *Programa Nacional Para a Saúde das pessoas Idosas*. Lisboa.
- Dittmar, H., 1989. Gender identity-related meanings of personal possessions. *British Journal of Social Psychology* 28, 159-170.
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes, *Human Relations* 7, 117-40.
- Figueiredo, M.; Tyrrell, M.; Carvalho, C.; Amorim, F.; Loilo, N. e Cruz, M. (2007). As diferenças de género na velhice. *Revista Brasileira de Enfermagem*, pp. 422-427.
- Fonseca, P.; Chaves, S. e Gouveia, V. (2006). Professores do ensino fundamental e bem-estar subjectivos: uma explicação baseada em valores. *PsicoUSF*, 11.
- Fortin, M. (1999). *O processo de Investigação*. Lisboa. Lusociências.
- Furnham, A. (1984). Many sides of the coin: the psychology of Money usage. *Personality and Individual Differences*, 5, 95-103.
- Furnham, A & Argyle, M. (2000). *A psicologia do dinheiro*. Lisboa. Sinais Vitais.
- Galinha, I. e Ribeiro, J. (2005). Historia e evolução do conceito de Bem-estar Subjectivo. *Psicologia, Saúde e doença*, 6, 203-214.
- Gomes, M.; Jair, L. e Sá, R. (2007). O papel dos idosos nas dinâmicas sociais de realização do ser no mundo com o outro. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, 1, 7-12.
- Gouveia, V., Barbosa, G., Andrade, E. e Carneiro, M. (2005). Medindo a satisfação com a vida dos médicos no Brasil. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 54, 288-305.
- Guerreiro, M. (2003). Pessoas Sós. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, 31-49.

- Hayes, J. (2006). Money attitudes, economic locus of control, and financial strain among college students. (Doctoral dissertation, University of Texas, 2006). Recuperado em 21 de Janeiro, 2008, de <http://hdl.handle.net/2346/1019>
- Instituto Nacional de Estatística (2002). *O Envelhecimento em Portugal- Situação demográfica e socioeconómica recente das pessoas idosas*. Lisboa.
- Instituto Nacional de Estatística (2007). *Dia Internacional do idoso*. Lisboa: INE
- Irigary, T. e Schneider, R. (2007). Características de personalidade e depressão em idosas da Universidade para a terceira idade. *Revista psiquiátrica RS*, 29, 169-175.
- Kohli, M. (2004). Intergenerational Transfers and Inheritance. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*, 24, 266-289.
- Kunzman, U.; Little, T. e Smith, J. (2000). Is age-related stability of subjective well-being a paradox? Cross-sectional and Longitudinal evidence from Berlin aging study. *Psychology and Aging*, 15, 511-526.
- Lim, V. & Teo, T. (1996). Sex, money and financial hardship. *Journal of Economic Psychology*, 18, 369-386.
- Lima, M. (2004). Envelhecimento e perdas. *Psychologica*, 35, 133-145.
- Maia, A.; Guimarães, C.; Carvalho, C.; Capitão, L.; Carvalho, S. e Capela, S. (2007). *Maus-tratos na infância, psicopatologia e satisfação com a vida*. Braga: Universidade do Minho.
- Medina, J.; Saegert, J. e Gresham, A. (1996). Comparison of Mexican-American na Anglo-American attitudes to Money. *Journal of Consumer Affairs*, 30, 124-145.
- Mitchell, T. R. & Mickel, A. (1999) The meaning of Money. *Academy of Management Review*, 24, 568-578.
- Moreira, V. e Callou, V. (2006). Fenomenologia da Solidão na Depressão. *Mental*, 7, 67-83.
- Myers, D. (2000). Funds, friends, and faith of happy people. *American Psychologist*, 55, 56-67.
- Neri, L. (2001). Envelhecimento e Qualidade de Vida na Mulher. 2º Congresso paulista de geriatria e gerontologia. Universidade estadual de Campinas.
- Neto, F. (1999). Satisfação com a Vida e características da Personalidade. *Psychologica*, 22, 55-70.
- Ordem dos advogados (2006). *O bem-estar subjectivo dos Advogados*. Ordem dos advogados, 4.
- Otta, E. e Fiquer, J. (2004). Bem-estar Subjectivo e regulação de emoções. *Psicologia em Revista*, 15, 144-149.
- Paúl, C. (1992). Satisfação de vida em idosos. *Psychologica*, 8: 61-80.

- Paúl, C.; Fonseca, A.; Martín, I.; Amado, J. (2005). Satisfação e qualidade de vida em idosos Portugueses. In *Envelhecer em Portugal*. Paúl, C. & Fonseca, A. Lisboa: Climepsi (pp75-95).
- Paúl, C. (2005). Envelhecimento activo e redes de suporte social. *Sociologia*, XV, 275-287.
- Pavot, W. e Diener, E. (1993). Review of the Satisfaction with Life Scale. *Psychology Assessment*, 5, 164-172.
- Pereira, T. (2005). *Histórias de Vida de Mulheres idosas – um estudo sobre o Bem-estar Subjectivo na velhice*. Dissertação.
- Quintana, S., Vogel, M., & Ybarra, V. (1991). Meta-analysis of Latino students' adjustment to higher education. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 13, 155-168.
- Rebelo, J. e Penalva, H. (2004). *Evolução da população idosa em Portugal nos próximos 20 anos e seu impacto na sociedade*. Lisboa: Instituto Politécnico de Setúbal.
- Resende, M., Bones, V.; Souza, I. e Guimarães, N. (2006). Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos. *Psicologia para a América Latina*, 5.
- Resende, M.; Cunha, C.; Silva, A. e Sousa, S. (2007). Rede de relações e satisfação com a vida em pessoas com amputação de membros. *Ciência e Cognição*, 10, 164-177.
- Ribeiro, J. (199). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde*. Lisboa. Climepsi Editores.
- Ruzafa, J. & Moreno, J. (1997). Valoración de La discapacidad física. *Revista Salud Pública*, 71, 127-137.
- Ryff, C. e Keyes, C. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and social Psychology*, 69, 719-727.
- Seligman, M. (2004). *Felicidade autêntica: usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro: Objectiva.
- Sequeira ,A. e Silva, M. (2002). O bem-estar da pessoa idosa em meio rural. *Análise psicológica*, 3, 505-516.
- Shenk, D.; Kuwahara, K. e Zablotsky, D. (2004). Older women`s attachments to their home and possessions. *Journal of Aging Studies*, 18, 157-169.
- Simões, A. (1992) Ulterior validação de uma Escala de Satisfação com a Vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXVI, 503-515.
- Simões, A.; Ferreira, J.; Lima, M.; Pinheiro, M. e Vieira, C. (2000). O Bem-Estar Subjectivo: Estado actual dos conhecimentos. *Psicologia Educação e Cultura*. IV, 243-279.
- Simões, A.; Ferreira, J.; Lima, M.; Pinheiro, M.; Vieira, C; Matos, A. e Oliveira, A. (2003). O Bem-Estar Subjectivo dos Adultos. *Revista Portuguesa de Pedagogia* 37, 5-30.
- Simões, A.; Ferreira, J.; Lima, M.; Pinheiro, M.; Vieira, C; Matos, A. e Oliveira, A. (2001). O Bem-Estar Subjectivo dos idosos. *Actas das II Jornadas. NAPFA*.

- Sousa, L. e Patrão, M. (2007). Projecto de Investigação. *Universidade de Aveiro*, 1-7.
- Sousa, L. e Figueiredo, D. (2003b). (In)Dependência na População idosa: um estudo exploratório na população portuguesa. *Psychologica*, 33, 109-122
- Stella, F.; Gobbi, S.; Corazza, D. e Costa, J. (2002). Depressão no idoso: diagnostico, tratamento e benefícios da actividade física. *Motriz*, 8, 91-98.
- Tang, T. (1992). Meaning of money revisited. *Journal of organizational Behaviour*, 13, 197-202.
- Tang, T. (1993). The meaning of money: extension and exploration of the money ethic scale in a sample of University students in Taiwan. *Journal of organizational Behaviour*, 14, 93 – 99;
- Tang, T. e Gilbert, P. (1995). Attitudes towards Money as related to intrinsic and extrinsic Job satisfaction, stress and work-related attitudes. *Personality and Individual Differences*, 19, 327-332.
- Tang, T. (1995). The development of a short money ethic scale: Attitudes toward money and pay satisfaction revisited. *Person. Individ. Diff.*, 19, 809-816
- Tang, T.; Tang, D. e Arocas, R. (2006). Money profiles: the love of Money, attitudes, and needs. *Journal Personnel Review*, 34, 603 -618.
- Veenhoven, R. (2005). Is life getting better? How long and happily do people live in modern society? *European Psychologist*, 10, 330-343.
- Vogler, C.; Lyonette, C. e Wiggins, R. (2008). Money, power and spending decisions in intimate relationship. *The sociological Review*, 56, 117-142.
- Wernimont, P. e Fitzpatrick, S. (1972). The meaning of Money. *Journal of Aplied Psychology*, 41, 317-319.

ANEXOS

ANEXO 1 - Questionário Prévio



Universidade de Aveiro

Secção Autónoma de Ciências da Saúde

Questionário A

A preencher com o profissional que identifica a pessoa idosa, após verificados os critérios de inclusão do(a) idoso(a) na amostra.

1. Dados de identificação do profissional

1.1. Idade: _____ anos

1.2. Sexo: _____

1.3. Profissão: _____

1.4. Local de trabalho:

Centro de Dia ou de Convívio ☐

Serviço de Apoio Domiciliário ☐

Centro de Saúde ☐

Autarquia ☐

Outro ☐ Qual? _____

1.5. Anos de experiência profissional: _____

2. Classe socio-económica do idoso(a) (Índice de Graffar, Amaro, 1990)

Classe Socioeconómica	
Classe I [5 – 9]	Alta
Classe II [10 – 13]	Média-Alta
Classe III [14 – 17]	Média
Classe IV [18 – 21]	Média-Baixa
Classe V [22 – 25]	Baixa

PROFISSÃO	INSTRUÇÃO	Fonte Principal de RENDIMENTO	Tipo de HABITAÇÃO	Local de RESIDÊNCIA	Graus
Grandes empresários; Gestores de topo do sector Público e Privado (> 500 empregados); Professores Universitários; Militares de Alta Patente; Profissões liberais (curso superior); Altos Dirigentes Políticos	Doutoramento Mestrado Licenciatura	Lucros de empresas, de propriedades; Heranças.	Casa ou andar luxuoso, espaçoso e com máximo de conforto	Bairro Residencial Elegante onde os valores dos terrenos ou alugueres são elevados	1
Médios empresários; Dirigentes de empresas (≤500 empregados); Agricultores e proprietários; Dirigentes intermédios e quadros técnicos do sector público ou privado; Oficiais das Forças Armadas; Professores do ensino básico e secundário	Bacharelato	Altos vencimentos, reformas ou honorários ≥10 vezes o salário mínimo nacional	Casa em andar bastante espaçoso e confortável	Bairro Residencial Bom, de ruas largas com casas confortáveis e bem conservadas	2
Pequenos empresários (≤50 empregados); Quadros médios; Médios Agricultores; Sargentos Equiparados	12º ano; 9 ou mais anos de escolaridade	Vencimentos certos ou reformas: entre 2 a 9 vezes o salário mínimo.	Casa ou andar modesto em bom estado de conservação	Ruas comerciais ou estreitas e antigas com casas de aspecto geral menos confortável	3
Pequenos agricultores e rendeiros; Técnicos Administrativos; Operários Semi-Qualificados; Funcionários Públicos e membros das Forças Armadas ou Militarizadas	Escolaridade ≥a 4 anos e < que 9 anos	Remunerações (vencimentos ou reformas) ≤ salário mínimo nacional; Pensionistas; Vencimentos incertos	Casa ou andar degradado	Bairro Operário, populoso, mal arejado ou bairro em que o valor do terreno está diminuído em virtude da proximidade de oficinas, fábricas, estações de caminhos-de-ferro etc.	4
Assalariados agrícolas; trabalhadores indiferenciados e profissões não classificadas nos grupos anteriores	Escolaridade < que 4 anos; Analfabetos	Assistência (subsídios)	Impróprio (barraca, andar ou outro); Coabitação de várias famílias em situação de promiscuidade	Bairro de lata	5

III – Índice de Barthel: Avaliação do estado funcional – Actividades de Vida Diária

Por favor, atribua a pontuação que melhor define o estado funcional do seu familiar idoso, para cada um dos 10 itens que se seguem.

Tipo de dependência (segundo o Índice de Barthel): _____ Pontos

- Independência ou ligeira (mais de 60 pontos)	
- Independência Moderada (40 a 55 pontos)	
- Dependência Severa (20 a 35 pontos)	
- Dependência Total (menos de 20 pontos)	

1	Alimentar-se	Incapaz Necessita de ser alimentado por outra pessoa	0	
		Necessita de ajuda para cortar, barrar pão, etc., mas é capaz de comer sozinho	5	
		Independente. Consegue comer por si próprio. A comida pode ser cozinhada e servida por outra pessoa.	10	
2	Transferir-se (cama/cadeira/cama)	Dependente. Não tem equilíbrio quando está sentado.	0	
		Ajuda maior. Precisa de ajuda de uma pessoa forte ou treinada (ou de duas pessoas). Mantém-se sentado sem ajuda	5	
		Ajuda menor. Inclui uma supervisão ou uma pequena ajuda física.	10	
		Independente.	15	
3	Higiene Pessoal	Necessita de auxílio nos cuidados pessoais	0	
		Independente: face/cabelo/dentes/barba (acessórios fornecidos)	5	
4	Utilizar Sanita	Dependente. Incapaz de aceder ou utilizar a sanita sem ajuda	0	
		Necessita de alguma ajuda. Consegue usar o quarto de banho e limpar-se sozinho	5	
		Independente. Consegue instalar-se e retirar-se, vestir-se, limpar-se, sem ajuda.	10	
5	Banho	Incapaz. Necessita de ajuda ou supervisão	0	
		Independente. Capaz de se lavar inteiramente, de entrar e sair da banheira (ou chuveiro) sem ajuda e sem supervisão.	5	
6	Mobilizar-se	Dependente. Se utiliza cadeira de rodas, necessita de ser empurrado por outra pessoa	0	
		Independente em cadeira de rodas, incluindo esquinas, etc. Não requer ajuda nem supervisão.	5	
		Necessita de ajuda. Necessita de supervisão ou uma pequena ajuda física por parte de outra pessoa ou utiliza andarilho.	10	
		Independente. Pode andar sem ajuda nem supervisão. Pode utilizar qualquer ajuda técnica (p. ex.: bengala, canadiana) excepto o andarilho.	15	
7	Subir e descer escadas	Dependente. É incapaz de utilizar as escadas.	0	
		Necessita de ajuda (física ou verbal)	5	
		Independente. Capaz de subir e descer escadas sem ajuda ou supervisão de outra pessoa.	10	
8	Vestir-se	Dependente. Necessita de ajuda total	0	
		Necessita de ajuda, mas realiza cerca de metade das tarefas num tempo razoável sem ajuda	5	
		Independente. Capaz de se vestir sozinho (incluindo apertar botões, fechos, atacadores, etc.)	10	
9	Continência Intestinal	Incontinente. Mais de um episódio semanal. Inclui a administração de clisteres por outra pessoa.	0	
		Perda ocasional (uma vez por semana)	5	
		Continente	10	
10	Continência Vesical	Incontinente. Mais de um episódio em 24 horas ou incapaz de lidar com a algália.	0	
		Perda ocasional. Um episódio por dia ou requer ajuda para a manipulação da algália ou outro dispositivo semelhante	5	
		Continente. Capaz de utilizar qualquer dispositivo por si próprio (algália, ...)	10	
TOTAL				

ANEXO 2 - Questionário



Universidade de Aveiro

Secção Autónoma de Ciências da Saúde

A Universidade de Aveiro está a desenvolver um estudo sobre a satisfação com a vida de pessoas que vivem sozinhas, analisando como os valores materiais podem estar a influenciar esse sentimento. No âmbito desse estudo estamos a proceder a uma recolha de dados, para a qual solicitamos a sua colaboração através do preenchimento deste questionário.

O questionário demora cerca de 30 minutos a ser completado! Sabemos tratar-se de um assunto da esfera pessoal, por vezes delicado, mas garantimos que os dados recolhidos são confidenciais e serão utilizados apenas nesta investigação.

Sublinhamos que não existem respostas mais ou menos desejáveis ou mais ou menos correctas, e que todas as opiniões são válidas e igualmente legítimas. Por isso, quando responder dê a sua opinião. É muito importante que preencha o questionário pela ordem apresentada e que responda a todas as questões. Em caso de dúvida, dê a resposta que mais se assemelha ao seu modo de sentir ou agir.

Muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração!

I. Informação prévia

	Pontuação	Classe socio-económica
Classe Económica		

	Pontuação	Tipo de dependência
Índice de Barthel		

II. Dados socio-demográficos do inquirido

De seguida encontrará várias questões às quais deverá responder de forma breve no espaço marcado na folha, ou marcar uma cruz (X) dentro do quadrado que mais se adequa ao seu caso.

1. **Idade:** _____ anos

2. **Sexo:** Masculino ☐ Feminino ☐

3. **Situação conjugal:**

Casado(a)/em união de facto	<input type="checkbox"/>	Divorciado(a)/Separado(a)	<input type="checkbox"/>
Viúvo(a)	<input type="checkbox"/>	Solteiro(a)	<input type="checkbox"/>

4. **Habilitações literárias:**

Não frequentou o sistema de ensino formal	<input type="checkbox"/>	3º ciclo do ensino básico (7º -9ºano)	<input type="checkbox"/>
1º ciclo do ensino básico (1º -4ºano)	<input type="checkbox"/>	Ensino secundário (10º -12ºano)	<input type="checkbox"/>
2º ciclo do ensino básico (5º-6º ano)	<input type="checkbox"/>	Ensino superior	<input type="checkbox"/>

5. Profissão anterior à reforma: _____

6.1. Local de residência

Predominantemente rural ☐

Predominantemente urbana ☐

6.2 Tipologia

Comunidade ☐

Equipamento Social ☐

7. Indique quantos filhos tem: _____

8. Actualmente, como é que o seu rendimento financeiro ao final do mês?

Sobra algum dinheiro

(1)
☐

É mesmo à justa

(2)
☐

Não chega

(3)
☐

II. SLWS – Satisfaction With Life Scale (Diener et al., 1985); (Escala de Satisfação com a vida, versão portuguesa de Simões, 1992)

Esta escala compreende cinco frases com as quais poderá concordar ou discordar. Utilize a escala de 1 a 5 e marque uma X (cruz) no quadrado que melhor indica a sua resposta.

	Discordo muito (1)	Discordo um pouco (2)	Nem concordo, nem discordo (3)	Concordo um pouco (4)	Concordo muito (5)
1. A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que ela fosse.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. As minhas condições de vida são muito boas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Estou satisfeito(a) com a minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Até agora, tenho conseguido as coisas importantes da vida que eu desejaria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria quase nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

III. Indicadores de isolamento

1. Tamanho da rede social pessoal

Indique o número de pessoas (incluindo técnicos) com quem esteve em contacto neste último ano, que sejam significativos na sua vida (podendo a sua relação com essa pessoa/instituição assumir uma carga positiva ou negativa/conflitual). Indicar o número (tamanho da rede): _____

Família	
Amigos	
Vizinhos	
Instituição	
TOTAL	

2. Escala Geriátrica de Depressão (adaptado do EASYcare, Sousa & Figueredo, 2003) – trata-se de um procedimento mínimo que poderá detectar sintomas de depressão e indicar a necessidade de uma avaliação adicional (quanto maior a pontuação, maior a probabilidade da pessoa estar deprimida).

	Sim	Não
1. Sente-se, em geral, satisfeito com a sua vida?	1	0
2. Sente que a sua vida é vazia?	1	0
3. Tem medo de que alguma coisa má lhe vá acontecer?	1	0
4. Sente-se feliz durante a maior parte do tempo?	1	0
Soma	Pontos: _____	

3. Costuma sentir-se isolado e sozinho?

Quase nunca (1)	Algumas vezes (2)	Poucas vezes (3)	Muitas vezes (4)	Quase sempre (5)
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

IV. Escala de Ética e Comportamentos Monetários (adaptado de Tang, 1997 e de Furnham, 1984)

Este conjunto de afirmações foca a relação das pessoas com os seus bens materiais. Depois de as ler com atenção, por favor, decida, para cada uma delas, numa escala de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente) o quanto discorda ou concorda, marcando dentro do respectivo quadrado com uma cruz (X).

	Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Concordo um pouco (3)	Concordo (4)	Concordo totalmente (5)
1. O dinheiro é um símbolo de sucesso.					
2. Ter dinheiro ajuda a pessoa a exprimir as suas capacidades.					
3. O dinheiro representa a realização pessoal de cada um.					

4. Dou muito valor ao dinheiro.					
5. Ter dinheiro contribui para se ser respeitado na comunidade.					
6. O dinheiro dá-nos oportunidade de sermos quem quisermos.					
7. Ter dinheiro proporciona que as pessoas sejam livres e autónomas.					
8. O dinheiro é importante para a vida das pessoas.					
9. Administro muito bem o meu dinheiro.					
10. Utilizo o meu dinheiro com muita cautela.					
11. O dinheiro é a raiz de todo o mal.					
12. O dinheiro é pernicioso.					
13. Orgulho-me da minha capacidade para poupar dinheiro.					
14. Prefiro poupar dinheiro porque nunca sei quando virei a precisar dele mais tarde.					
15. Acho que penso mais sobre dinheiro do que a maior parte das pessoas que conheço.					
16. Preocupo-me com a minha situação financeira a maior parte do tempo.					
17. Prefiro não emprestar dinheiro.					
18. Costumo contribuir para instituições de caridade.					

V. Escala de Valores Materiais (MVS, Richins & Dawson, 2004)

Este conjunto de afirmações foca a relação das pessoas com os seus bens materiais. Depois de as ler com atenção, por favor, decida, para cada uma delas, numa escala de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente) o quanto discorda ou concorda, marcando dentro do respectivo quadrado com uma cruz (X).

	Discordo totalmente (1)	Discordo (2)	Concordo um pouco (3)	Concordo (4)	Concordo totalmente (5)
1. Admiro as pessoas que têm casa, carros e roupas caras.					
2. As coisas que eu possuo (os meus bens) dizem muito acerca do modo como me estou a sair na vida.					
3. Gosto de ter coisas que impressionem as pessoas.					
4. Tento manter a minha vida simples em relação aos bens materiais.					
5. Comprar coisas dá-me muito prazer.					
6. Gosto de estar rodeado de bens luxuosas.					
7. A minha vida seria muito melhor se tivesse determinados bens materiais que não tenho.					
8. Seria mais feliz se pudesse ter mais bens materiais do que tenho actualmente.					
9. Por vezes aborrece-me não poder comprar todas as coisas que me apetece.					

Se quiser fazer algum comentário ou sugestão ou ... utilize este espaço!

Terminámos! Obrigada!